

ADORAÇÃO E SERVIÇO

UISG BOLETÍN

NÚMERO 155, 2014

APRESENTAÇÃO	2
ADORAÇÃO E SERVIÇO: DOIS LADOS DE UMA MESMA VIAGEM <i>Frei Benjamín González Buelta, SJ</i>	3
CORAÇÕES ANSIOSOS E VIDAS FERIDAS O NOVO LUGAR DO SAGRADO <i>Frei Paul Murray, O.P.</i>	12
RENOVANDO O TESTEMUNHO PROFÉTICO E A OPÇÃO PELOS POBRES: UM CONVITE ÀS MULHERES RELIGIOSAS AFRICANAS A ESTENDER-SE PARA AS PERIFERIAS DA VIDA <i>Ir Kenyuyfoon Gloria Wirba, OTSF</i>	25
MÚSICA PARA OS OUVIDOS DO PAI <i>Frei David Glenday, MCCJ</i>	32
PALAVRAS DO SANTO PADRE ÀS MONJAS DE CLAUSURA	36
VIDA DA UISG	38

Foi o Papa Francisco que, em sua audiência aos 800 participantes na Assembleia Plenária de maio de 2013, definiu a vida religiosa como “saída de si num caminho de adoração e serviço”, e é esta a questão que temos procurado aprofundar neste número do boletim, completando o número anterior.

O jesuíta *Benjamín González Buelta* centra o tema na bela metáfora do título: **Adoração e serviço: duas asas de uma mesma viagem**. “Adoração unge o serviço e o serviço encarna a adoração”. No coração da contemplação é onde se cria o coração do serviço ao estilo de Deus, que é o nosso servidor na história. “Necesitamos estar atentos aos sinais dos tempos e às propostas de Deus no nosso coração para acolher e criar com Ele a novidade que Ele nos oferece”.

“**Corações inquietos e vidas feridas. Um novo espaço sagrado**” É a reflexão sugestiva do dominicano irlandês *Paul Murray*, que parte da barreira entre o sagrado e o profano que Jesus destruiu com sua entrega até à morte. Com exemplos muito expressivos vai desenvolvendo como se tem vivido, ou deixado de viver, ao longo da história, este culto novo e este novo conceito de sagrado. E termina dizendo: “o que foi outrora visto como irremediavelmente perdido e totalmente inaceitável, é agora o centro. Agora, o que foi julgado profano é sagrado. Em Cristo somos um templo sagrado”.

A camaronesa *Gloria Wirba* em seu artigo “**Renovação do testemunho profético e opção pelos pobres: um convite para as religiosas africanas a expandir-se para as periferias da vida**” faz um apelo às religiosas na África a se colocarem ao serviço dos mais pobres. Este serviço desinteressado será a melhor maneira de anunciar o Deus misericordioso em quem creem.

Adicionamos uma reflexão breve e sugestiva do *P. David Glenday*, missionário Comboniano, sobre a experiência da misericórdia como **A Fonte da missão**. “A misericórdia é o forno no qual se cozinha o vaso da missão”. Uma misericórdia que vai além do perdão, e que oferece uma graça de crescimento e transformação.

Como experiência de unidade entre a adoração e o serviço, oferecemos, por sua expresividade, as palavras que o *Papa Francisco* dirigiu às Clarissas em sua visita a Assis. É um texto espontâneo, não escrito, que aponta claramente para uma contemplação de Jesus Cristo, que se traduz numa grande humanidade e tenta evitar o que ele chama de “excesso de espiritualidade”.

ADORAÇÃO E SERVIÇO: DOIS LADOS DE UMA MESMA VIAGEM

Frei Benjamín González Buelta, SJ

Benjamín González Buelta É um jesuíta espanhol com uma intensa experiência de inserção entre os pobres. Viveu trinta e sete anos na República Dominicana, onde atuou como mestre de noviços e Provincial. Atualmente é responsável pela formação contínua dos jesuítas em Cuba. Publicou numerosos livros de espiritualidade.

Original em Espanhol

1. Adoração e serviço são inseparáveis.

Na anunciação, Maria exclama: “Eis aqui a serva do Senhor, faça-se de acordo com sua palavra” (Lc 1,38). Quando encontra-se com Isabel, Maria canta: “Minha alma glorifica o Senhor” (Lc 1,46). O servir e o lovor, o adorar o Senhor, são duas dimensões inseparáveis do mesmo mistério, do encontro com Deus, que vem para transformar a terra em diálogo conosco e que se revela pedindo permissão à Maria, para que o Filho se encarne nela e seja “um entre tantos” (Flp 2,7).

A adoração e o serviço são dois pólos evangélicos que só podem viver num diálogo que nunca se acaba. São como as asas de uma pomba. As duas asas nascem no mesmo corpo, recebem o sangue do mesmo coração e são alinhadas no voo que se dirige a uma única direção. Dialogam com os ventos que as sacodem no ar e com a força da gravidade que as puxa para a terra. Elas se movem em uníssonos para seguir uma direção fixa, ou uma sobe e outra abaixa quando iniciam um giro, mas sempre estão perfeitamente sincronizadas. Não há uma asa para subir às alturas do céu límpido e claro e outra para aterrisar na terra suja e escura.

A adoração e o serviço são relação. Nós somos servos de Deus com ações pequenas, porém Ele é o nosso servidor, trabalhando no prodígio da criação, com sabedoria, e alimentando, no respeito de nossa autonomia, o mistério da história. Nós contemplamos e adoramos a Deus através de canções e de tempos silêncio interior, porém Ele contempla a cada um/uma de nós desde toda a

eternidade com um amor profundo e constante. Nós exaltamos a grandeza de Deus, Ele sustenta a nossa.

A partir desta experiência, situada no coração da nossa existência, nós somos também convidados/as a contemplar, com respeito a dignidade sem limite, cada ser humano e a servir com devoção, com fervor e gratidão por ter Deus acessível aos nossos sentidos nas vidas que crescem com harmonia, nos rostos feridos e nos corações machucados. A adoração unge o serviço e o serviço encarna a adoração.

Adoramos a Deus na grandeza de sua sabedoria e beleza que é a criação, como fazia Francisco de Assis, no “Cântico das criaturas”. Nós o adoramos na Eucaristia, na permanente quinta-feira santa de seu amor extremo e na Cruz, onde se concentra o amor infinito de Deus no dom de si mesmo para toda a humanidade. Como uma prolongação do mistério da encarnação, contemplamos e servimos a todos, mas de maneira especial os crucificados da história, as vítimas de violência, os que que definham no marasmo da pobreza estrutural, os presos em redes do tráfico humano, os que lutam pelo controle da droga, os emigrantes que tremem de medo e de hipotermia às margens do mundo rico, as mulheres vítimas de sucessivos abusos, violência ou do machismo crônico e a todos aqueles/as que se encontram nas periferias existenciais do nosso tempo. Contemplamos não somente aos pobres, como a contínua sexta-feira santa de Jesus, mas também como uma manifestação do ressuscitado, na simplicidade da vida, nas comunidades que, com seu compromisso e alegria, desafiam as estatísticas e a lógica dos poderosos.

No filho encarnado entre nós, entendemos que a adoração não olha para um céu distante e que o serviço não é realizado diante de um Deus distante, que observa como um senhor, de uma distância infinita de sua transcendência, pois Deus nos acompanha desde a proximidade insondável da nossa intimidade, porque ele nunca deixa de ser o servidor que assume conosco as pessoas e a história, a partir de baixo, desde o mais destruído e a partir da interioridade sem testemunhas para qualquer pessoa, sem nenhuma exclusão.

Um jesuíta de meia-idade dizia-me ao fazer os exercícios espirituais do mês: “Ao meditar que sou criado para louvar, reverenciar e servir a Deus, senti que Deus me louvava, reverenciava e servia. Senti-me convidado a servir aos outros da mesma forma”.

“Adorar e servir: duas atitudes que não podem ser separadas, mas devem sempre ir juntas. Adorar o Senhor e servir aos outros, sem guardar nada para si mesmo: Este é o «despojar-se» de quem exerce autoridade. Viver e recordar sempre a centralidade de Cristo, a identidade evangélica da vida consagrada. Ajudar as comunidades a viver o “Êxodo” de si mesmo como forma de adoração e de serviço, principalmente através dos três pilares de sua existência”. (Papa

Francisco. Assembleia Plenária de UISG, 2013)

2. Ídolos virtuais e servidores colonizados.

Falamos de adoração em meio de uma cultura global com *déficit de interioridade*, onde é difícil conseguir entrar dentro de si (Lc 15,17) para encontrar Deus que surge no silêncio como o centro de nós mesmos, porque geralmente o que encontramos com força é o eco de incontáveis sensações sedutoras que entraram pelos nossos sentidos, nos impregnam e se fixam nos espaços sempre abertos de nossas necessidades naturais ou artificiais.

A ocultação de Deus que se expande nas sociedades ricas do mundo, tem surgido muitas místicas difusas, frequentemente, sem próximo nem história, sem instituições que as confrontem com a reflexão e o discernimento. Como e a quem adorar? A necessidade de transcendência que arde no mais íntimo do coração humano, o Deus de Jesus foi substituído por “ídolos virtuais”. Maquiados por seus assessores de imagem e promovidos com a ajuda das mais recentes tecnologias, brilham no Cenário secular que seduzem os olhares e sequestram o cartão de crédito. “Quem modela um Deus ou funde uma imagem, se não é para conseguir algo?” (Is 44,10). No meio do deserto, perdidos e sem horizonte, fabricam-se ídolos de ouro que se possa adorar (Ex 32,1). Os famosos, as “celebridades” que se entretêm e se divertem, seduzem-nos ao desfilar pelos vários tapetes vermelhos da fama, do poder ou do dinheiro.

O serviço também se vê desgastado nas identidades incertas, com vínculos afetivos e compromissos fracos, “até que o tempo nos separe”. No “*individualismo narcisista*”, protegido por senhas eletrônicas, em que a pessoa está centrada em si mesma, em seu bem-estar, a aberura ao serviço dos outros faz-se com dificuldade. O sentido de solidariedade humana, talvez se limite a um “ímpeto solidário” diante de uma tragédia chocante, antes de o anúncio ser substituído por outra notícia que diverte, sem permanecer o tempo necessário para que produza raízes, crie consciência e vínculos de comprometimento estáveis. As “marcas” são os novos colonizados que trabalham para seus senhores, e que não só disputam para se apropriar de nós mesmos nas telas publicitárias, diante dos nossos olhos, mas dentro de nós mesmos, com uma rivalidade de interesses diferentes que seguem caminhos contraditórios e nos fragmentam por dentro. A obrigação de tomar decisões imediatas, “agora”, sem esperar, sem perder a oportunidade, podem estar criando em nós “entranhas impacientes”, incapazes de parar para pensar, para refletir, para um descanso contemplativo de adoração em que amadureça a consistência do serviço.

O Espírito também trabalha nesta cultura, e precisamos de uma especial sensibilidade para percebê-lo e acolhê-lo, especialmente, quando não passa de um broto que irrompe. Em muitas ocasiões, o sagrado migrou para o profano,

e às vezes podemos contemplar nas atividades sociais e artísticas os sinais do Espírito, com clareza, que nos ajudam a ver as dimensões da vida humana que a pressa e a auto-suficiência não nos permitem apreciar de maneira normal. Não existe situação nem pessoa onde Deus não trabalhe e onde Ele não possa ser contemplado, adorado e servido.

Neste contexto cultural, encontramos pessoas admiráveis que escutam a voz da transcendência, que não lhes chega intermitentemente e de um céu distante, mas a partir de dentro de si e da contemplação do rosto dos excluídos, dos últimos. Elas se comprometem com “utopias possíveis”, lutam pelos “direitos humanos” de todos e servem no voluntariado sem fronteiras geográficas, religiosas ou culturais e sem agendas ocultas de reconhecimento ou proselitismo. Elas só são notícia quando são sequestradas por grupos armados, ou enquanto estão desapreciadas em lugares inacessíveis.

Em meio à falta de transcendência, muitos religiosos e religiosas de vida contemplativa encerrados/as em seus claustros, são uma “chama que arde sem se consumir” no meio do deserto secular, embora não sejam muitos os que se detenham a contemplar este prodígio de adoração, como Moisés se aproximou para contemplar o arbusto do deserto (Ex 3,3), nem sejam capazes de perceber a profundidade deste serviço prestado gratuitamente, de forma livre e sem contas possíveis, para todo aquele que quiser se deixar iluminar. Ao mesmo tempo, muitos religiosos e religiosas de vida ativa, revelam a profundidade da sua adoração na entrega de um serviço que compromete a pessoa toda e toda a sua vida nas “periferias existenciais” do mundo. A vida religiosa contemplativa e a vida religiosa ativa, são como as duas asas do coração de Deus, no corpo eclesial, ao serviço do Reino de Deus.

3. Jesus, o filho de servidor.

O terceiro capítulo do Evangelho de Lucas, apresenta-nos a situação do povo judeu como completamente fechada (Lc 3, 1-3). Era controlada pelos nomes poderosos do Império Romano e do povo judeu, que soava nos ouvidos como golpes: Tibério, Pôncio Pilatos, Anás, Caifás e os filhos de Herodes. O poder político e religioso mantinham o controle do futuro.

Neste contexto, um rumor de voz levou a Nazaré a notícia que João anunciava algo novo no Jordão. Jesus vem da Galiléia, reúne-se com as pessoas, escuta suas dores e suas expectativas, e é batizado, como acolhida da proposta do profeta que anuncia a proximidade do enviado de Deus. Quando está rezando, depois do batismo, em União com o Pai, sem nenhum tipo de apego, é confirmado em seu compromisso: “Tu és o meu filho amado, meu predileto” (Lc 3,22). Ao sentir-se filho amado, também se sente o servidor de uma missão nova que muda a sua vida de artesão, em Nazaré. O serviço só pode nascer do

amor. Escolher o serviço é sempre fazer uma aliança com Deus, que é o nosso servidor, e uma adoração que se encarna na vida.

Jesus ofereceu-se para a missão anunciada por João, mas como a realizaria? Precisa de um tempo longo de contemplação e de discernimento até que tenha clareza sobre a sua maneira de servir. O Espírito conduz Jesus ao deserto para ser tentado, para experimentar em sua própria psicologia e corpo a pressão das expectativas dos judeus que se concentram em três tentações. Os judeus já têm uma forma preconcebida de Messias e cada grupo o quer de sua maneira.

Jesus não reduzirá a sua missão em alimentar o povo com fome, saqueado pela pobreza e pelos impostos. É necessário também a Palavra de Deus, que coloca as pessoas em pé e lhes revela a sua dignidade para produzir os bens necessários para organizar a sociedade de forma justa. Não seduzirá o povo com um gesto espetacular dentro do templo, mas se aproximará de todos em encontros vulneráveis, de onde sairão pessoas curadas de paralisia, de cegueira e de lepras, que os mantêm à margem da vida. Finalmente, não admitirá a dominação de seu povo ao estilo dos poderosos de seu tempo. No final deste processo, Jesus dá uma resposta contundente: “Ao Senhor adorarás e só a ele servirás” (Mt 04,10). É uma palavra de unificação de toda a pessoa na entrega ao único Pai em um só projeto.

Tanto no batismo como no deserto o serviço aparece ligado à adoração, à entrega absoluta ao Pai de tal forma que aquele que vê a Jesus vê o Pai (Jo 14,9). Servir é o contrário de dominar, de tomar o controle remoto que só podem nos dar, na medida em que convém a eles, aqueles que têm o poder em suas mãos e com quem nós permanecemos endividados se o recebermos. O poder não é para apoderar-se da vida, mas para torná-la possível.

À beira da paixão, quando Jesus já sentia que as forças hostis estavam planejando seu final definitivo, fez um um gesto de serviço, revelando seu amor “até o extremo” (Jo 13,1). Jesus lavou os pés de seus discípulos, como faziam os servos da casa com os convidados. Lavar os pés era a expressão de ser Mestre e Senhor. Ele prometeu a felicidade se participamos juntamente com ele, neste estilo de ensinamento e de senhorio (Jo 13, 17). Pedro rejeita o serviço e não permite que Jesus lave seus pés. Porém, não aceitar ser servido, é se afastar de Jesus, pois é fechar-se numa auto-suficiência orgulhosa que desconhece a carência, o próprio limite, a necessidade que temos de ser ajudados pelos outros em momentos diferentes da vida.

Na história, Deus nos pede ajuda das profundezas do sofrimento humano para que em nós sua presença tenha o rosto e as mãos acessíveis aos sentidos daqueles que sofrem. Ele conta com nossa inteligência e nossas habilidades para que seja possível acolher a sua oferta de vida nova e que sua concretização seja marcada pelo selo da nossa própria criatividade.

4. Servidores no mundo de Deus.

O mundo não é o lugar onde Deus se manifesta como se fosse um palco onde vamos de vez em quando, como o descreve, belamente, o livro de Gênesis passeando no fim da tarde, mas é a manifestação de Deus, de sua criatividade infinita e de seu amor inesgotável, porque ele trabalha na profundidade de todo o real (Jo 5,17). Enquanto contemplava a criação, T. de Chardin disse ao Senhor: “Não só tu epifania, mas tu diafania, a transparência de tudo”. Este grande místico pedia que Deus lhe desse a sensibilidade para perceber sua ação criadora de vida nova no fundo de toda a realidade.

Para adorar a Deus e louvá-lo, não podemos ter os olhos fechados numa oração íntima, mas mantê-los bem abertos para contemplar sua obra em cada pessoa, na criação e na história. É tão necessária “a mística de olhos fechados” quando nos relacionamos com Deus na própria intimidade, quanto a “mística dos olhos abertos” para dissolver, com o olhar contemplativo, a casca de todo o real e perceber no fundo Deus nosso servidor.

Se, na adoração a Deus podemos experimentar a noite escura da alma, na contemplação e no serviço do mundo, podemos passar também por noites obscuras da história, onde nós somos purificados de toda a pretensão de controlar o mistério de Deus e seu projeto de salvação. No mundo, podemos contemplar a incansável obra do Espírito que oferece a novidade de Deus e encoraja a criatividade humana em todas as periferias do mundo, as da ciência nos laboratórios e bibliotecas, as de transformação pessoal nos processos interiores e as da história nas lutas para que a vida humana cresça orientada para o Reino de Deus.

Quando um templo ou uma imagem não são respeitados naquilo que são e no que eles significam, podemos falar de “profanação” e criar rituais de “reparação”, para limpar de alguma forma a sujeira e reconstruir o verdadeiro sentido do sagrado. O primeiro templo é o cosmos. Assim o descreve o livro do Gênesis no relato da criação (Gn 3,8), e a verdadeira imagem de Deus é cada corpo humano onde o Espírito habita. Quando destruímos o templo da criação com a deterioração ecológica, ou o deixamos cheio de cicatrizes com o arame farpado da injustiça, e quando excluímos ou maltratamos uma pessoa, podemos também falar de profanação e da necessidade de restaurar o que quebramos.

5. No coração da adoração.

Quando adoramos ao Senhor buscamos um espaço favorável e dedicamos um tempo em que toda nossa pessoa se centra em acolher o amor infinito de Deus do qual surgimos, no qual existimos e para o qual nos direcionamos. Não buscamos nenhuma luz especial sobre qualquer escuridão que nos angustie, nem tratamos de discernir uma encruzilhada que nos inquieta, mas simplesmente

nos deixamos existir nesse amor de Deus. É uma oração de gratuidade que não procura resolver quaisquer questões pessoais, ou obter algo em particular. No entanto, esta forma de oração nos transforma.

O primeiro fruto desta oração é a integração pessoal, porque ela unifica toda a nossa pessoa. O corpo, o pensamento e o afeto se unem na decisão de viver inteiramente no agradecimento. Nesse silêncio contemplativo cabem todas as palavras, nessa presença estão contidos todos os encontros, e nessa quietude todas as atividades são alimentadas.

Ao sentir o amor de Deus em nós e em cada criatura, muda nosso olhar sobre a realidade sustentada por este amor de Deus que nunca deixa de chegar por si mesmo no centro de nossas vidas. Mais profundamente do que as ameaças, das quais instintivamente fugimos, e do encanto da beleza sobre a qual podemos estender nossa mão possessiva, contemplamos a realidade impregnada por Deus, e isso nos permitirá de refletir ao mundo, através de nosso olhar, a melhor possibilidade de dignidade e esperança.

A gratuidade com a qual nos relacionamos com Deus, vai curando o coração de ambiguidades escondidas no brilho e na candura das motivações que expressamos, para que nossa relação com a realidade seja mais gratuitas, sem fazer uso das pessoas como mercadoria de nossas decisões seduzidas.

Vamos nos adentrando no coração de Deus e Deus vai entrando mais e mais em nós num encontro que nunca cessa de crescer em profundidade e tempo. No coração da contemplação se cria o coração do serviço ao estilo de Deus, que é o nosso servidor na história.

6. A “devoção” expressa a unificação.

Vivemos a adoração e o serviço como duas realidades separadas no tempo, na quietude da adoração e na atividade do serviço. Mas se eles são autênticos, um se move em direção ao outro para construir uma só pessoa unificada, em harmonia, criando uma qualidade humana que se expressa e se alimenta tanto na relação direta com Deus, como no encontro com o próximo e com toda a criação.

Na experiência mística, em seu diário espiritual, Inácio de Loyola sente que a relação com Deus não deve ser de medo, mas de amor, e pede: “Dá-me humildade amorosa, assim como de reverência e acolhida” (DE 178). Esta experiência espiritual cheia de alegria foi crescendo durante o dia, até o momento em que compreende que a humildade amorosa “o mesmo seria depois com as criaturas” (179). Nós somos os mesmos quando nos relacionamos com Deus e quando nos relacionamos com os outros e a verdade da adoração nos conduz, se revela e se torna visível, na reverência e no serviço amoroso.

Esta experiência mística de Inácio nos ajuda a compreender a sua insistência para que os companheiros procurem a Deus presente em todas as coisas, de tal maneira que “não encontrem menos devoção” nas relações humanas que na oração. Talvez a palavra devoção, que normalmente é usada para o relacionamento com Deus na oração pessoal ou na liturgia, pode significar esta síntese entre adoração e serviço numa pessoa unificada na vida quotidiana.

“Aproxima-se a hora, e é agora, que os verdadeiros adoradores vão adorar o Pai em espírito e verdade” (Jo 04,23). Nem o Monte Garizim, nem o templo de Jerusalém são espaços exclusivos, nem classificados como melhores ou piores, em comparação com outros espaços religiosos, mas onde quer que estejamos, em qualquer lugar, o mais importante é a adoração a Deus em espírito e verdade. Cada passo para o encontro, cada palavra ou gesto para criar o mundo segundo o coração de Deus, podem ser parte de uma liturgia que é inspirada pelo Espírito da verdade, que nunca tenha sido escrito nos rituais religiosos.

Na adoração, nós oferecemos a Deus nosso tempo, nosso afeto, nossa decisão e superamos as resistências internas do ego que quer girar em torno de si mesmo. No serviço, entregamos a Deus nossa atividade. Na adoração nos unimos ao coração de Deus e no serviço nos unimos à ação de Deus por nosso trabalho. Na adoração nos perdemos no mistério de Deus, na intimidade de um encontro sem fim e no serviço nos gastamos no mistério de Deus na história. Em ambos os casos nos entregamos. Colaborar com Deus na ação dá consistência e confirmação histórica à nossa entrega na adoração e a entrega na adoração dá coração e interioridade ao nosso serviço. Nossa entrega é uma resposta ao Deus que sempre nos ama por primeiro.

7. Criar a novidade de Deus.

Deus é Advento, o amor que chega sempre novo, tanto na profundidade do encontro com ele, como no novo que nos oferece na história. Ele nos permite de criar com ele sua novidade.

A gratuidade e a eficácia são uma polaridade evangélica que complementa muito bem a polaridade adoração e serviço. O amor cristão procura ser eficaz na história, ajudar as pessoas no concreto da vida, incidir na transformação das estruturas e instituições que deformam a vida. Mas, para que o amor seja evangelicamente eficaz, deve ser gratuito. Tudo o que não é gratuito passa a exigir reconhecimento, lealdades pessoais ou êxitos à altura das nossas expectativas. Pode também fazer cobranças a nós mesmos, diminuindo a nossa auto-estima, porque as nossas expectativas não foram cumpridas, ou fazendo-nos senhores do novo, porque o consideramos “nosso”, nos apropriamos como se pudéssemos colocar a nossa assinatura e exibi-la na esquina. No evangelho

de Lucas (10, 25-37), Jesus nos apresenta a parábola do bom samaritano que presta ajuda a um judeu que foi assaltado, ferido e deixado à beira da estrada. Num gesto incomum de solidariedade, que ultrapassa as fronteiras da inimizade entre judeus e samaritanos, que coloca em risco até mesmo a própria segurança pessoal, o samaritano pára, cura e coloca o ferido na garupa de seu cavalo e o leva à hospedaria mais próxima para que cuidem dele. Abre uma conta sem limite para que ele seja tratado como convém. O samaritano ama com amor eficaz porque é gratuito e corre riscos, interrompe o seu próprio caminho e dispõe do dinheiro do seu trabalho para curá-lo com um coração que não exige cobrança de ninguém.

Nunca sabemos qual será a novidade de Deus num determinado momento. Só sabemos que ela vai se gestando em processos lentos como a semente escondida na solidão da terra (Mc 4,26), ou que aparece em pequenos brotos, nos ramos das árvores, que se preparavam para a vida nova debaixo da casca escurecida pelos duros meses de inverno (Lc 21,30). Os tempos de silêncio de Deus na história, que parece nada fazer diante da urgência dos problemas, são tempos de gestação de sua novidade, respeitando os ritmos dos processos humanos e protegendo, com o anonimato, a fragilidade dos começos, como uma mãe protege o embrião no seu ventre. O profeta Isaiás descreve isso de maneira muito expressiva com uma imagem maternal de Deus, como se ele mesmo estivesse grávido do futuro: “Há muito tempo estou calado, permaneci quieto e aguentei. Agora vou gritar como a mulher que dá à luz, vou gemer e suspirar” (Is 42,14). Precisamos estar atentos para os sinais dos tempos e para as propostas de Deus em nossos corações para acolher e criar com ele a novidade que nos oferece.

A gratuidade da contemplação e do louvor que damos a Deus, nosso tempo e nossa afeição, vão purificando nosso coração para que entreguemos a vida ao serviço do Reino de Deus, sem exigir pagamentos, sem querer colocar prazos fixados à intervenção dele na história, nem esperar nos caminhos que nós projetamos de acordo com nossas programações agendadas. Desta maneira, a adoração transforma-se em serviço e o serviço xpressa a adoração a Deus, que é o nosso servidor.

CORAÇÕES ANSIOSOS E VIDAS
FERIDAS
O NOVO LUGAR DO SAGRADO

Frei Paul Murray O.P.

Paul Murray O.P. é um dominicano irlandês, poeta e professor na Universidade de Santo Tomás, a Angelicum, de Roma. É autor de vários livros que foram publicados na Irlanda, Inglaterra e Estados Unidos.

Este artigo foi publicado na revista Religious Life Review n. 282, Sept/Oct 2013

Original em Inglês

Se me pedissem para escolher uma afirmação de Jesus que mais me chamasse a atenção, a mais marcante, a mais imprevisível no Novo Testamento, eu teria dificuldade em responder de imediato. Isto porque são muitas as que me ocorreriam ao mesmo tempo. Mas, entre elas, há uma frase, que deve ter surpreendido espantosamente os contemporâneos de Jesus quando a escutaram pela primeira vez, imagino, uma afirmação que pode não ter soado muito bem, não ser apenas ousada, mas ter um caráter também subversivo, especialmente considerando o grande respeito e reverência que povo judeu tinha pelo sábado – Sabbath - e suas obrigações. A afirmação que tenho em mente é a seguinte:

“O homem não foi feito para o sábado. Não – o sábado foi feito para o homem!” (Mc 2, 27)

Ainda hoje, depois de mais de 20 séculos de cristianismo, no terceiro milênio, esta declaração soa como nova e revolucionária. Na primeira vez que se ouve, parece, de fato, que ela desafia a antiga distinção entre o sagrado e o profano, na qual a religião era tradicionalmente baseada. O que, na verdade, Jesus pretendia com esta afirmação ousada? É possível que, na tradição cristã, depois de centenas de anos, nós ainda não tenhamos considerado todas as suas implicações?

Há outras declarações de Jesus que contêm algo que surpreende. Quando ele fala aos seus discípulos, por exemplo, sobre as bênçãos dos céus que virão sobre os que, nesta vida, alimentam os famintos, acolhem os estrangeiros,

vestem os nus, visitam os presos etc. podemos esperar que Jesus dissesse: “Façam estas coisas e vocês herdarão o Reino preparado para vocês por meu Pai”. Mas, não é esta a mensagem que ele comunica. Em vez disto, surpreendentemente, ele diz: “Estou na prisão e você me visita, estou com fome e você me dá alimento, estou nu e você me veste”. Os discípulos de Jesus, quando, pela primeira vez, perceberam que a pessoa que fazia estas declarações não era nenhum ser meramente mortal, mas na verdade era o próprio Deus em carne e osso, o Santo, o Filho de Deus, devem ter ficado surpresos. A santidade, no entendimento deles, pertencia naturalmente ao reino do sagrado. Como era possível, então, que o Todo-Poderoso pudesse falar dele como se ele mesmo pertencesse à delinquência, à sujeira, ao drama do mundo profano, ao mundo dos doentes e dos feridos, dos famintos e nus, dos mendigos, dos prisioneiros e dos forasteiros? E, a noção de sagrado, que foi herdada, de algum modo teria mudado completamente a sua cabeça? E, se for o caso, como compreender esta incrível inversão, este novo sagrado estabelecido por Jesus?

1. O Templo Novo, o Sagrado Novo

Santidade, na tradição judaica, sempre esteve ligada com a palavra “separação” e, em particular, com a noção da divisão radical entre o sagrado e o profano. Os que eram puros deveriam ser mantidos longe dos impuros, o limpo, do imundo, o justo, dos pecadores. O templo, considerado em si como o lugar mais sagrado de todos, foi construído sobre o princípio fundamental da separação. Primeiramente, separado da cidade por seus muros. Depois, dentro dos muros do templo, o Santo dos Santos era colocado num lugar à parte. E, outro sinal de separação, dentro do Santo dos Santos, a cadeira da Misericórdia de Deus era coberta por um véu ou cortina. Esta cortina era, é claro, o símbolo máximo de separação. Assim, nada poderia ser mais importante, no que se refere ao sagrado, daquilo que foi dito no Evangelho de Mateus, a respeito do momento da morte de Cristo, isto é, “que o véu, a cortina do Templo foi rasgada em duas, de cima para baixo”. (Mt 27, 51)

O que isto significa é que, por causa do sacrifício de Cristo, por causa da doação completa de si mesmo até a morte, não há mais nenhuma barreira entre nós e o que é mais sagrado. Como Hebreus coloca:

Com uma só oferta ele tornou perfeito para sempre os que ele santifica... Em outras palavras, irmãos e irmãs, com toda segurança podemos entrar no santuário por meio do sangue de Jesus. Ele inaugurou para nós um caminho novo e vivo, através da cortina, isto é, da sua própria carne... Aproximemo-nos, pois, de coração sincero, cheios de fé. (Hb 10, 14, 19-22)

Cristo morreu nu, ao lado de uma colina, fora do Templo, fora da cidade, conseguindo, assim, a purificação da terra inteira, fazendo cada montanha, cada

vale, cada rio e oceano na terra um lugar de nova bênção, um lugar adequado para oração. Ao morrer na cruz ele se tornou não só sacerdote de um único povo, nem de uma religião exclusiva, mas sacerdote do mundo inteiro. E assim, todos nós agora, como seres humanos, temos acesso ao que é mais sagrado por causa do novo templo na terra, o verdadeiro Santo dos Santos, que não é nada mais que o corpo de Cristo Jesus. “Destruam este Templo”, disse Jesus, “e em três dias eu o levantarei... ele estava falando do templo do seu corpo”. (Jo 2, 19)

As implicações desta afirmação são enormes. E os primeiros cristãos foram rápidos em captar o que exatamente isto indicava sobre a vida deles enquanto pessoas de fé. Sim, o novo templo é Cristo, mas é também o corpo de Cristo, sua Igreja, a comunidade dos que creem. Eis porque São Paulo, escrevendo aos Coríntios, não hesita em dizer: “Vocês não sabem que os corpos de vocês são templos do Espírito Santo que habita em vocês? (ICor 6, 19). Deus era manifestamente um com as vidas feridas daqueles primeiros cristãos. E este fato foi, é claro, a revelação que derrubou Paulo ao chão no momento de sua conversão. A voz que ele ouviu do céu não foi um grito: “Por que você está perseguindo os pobres cristãos?, mas, em vez disto, foi: “Saulo, Saulo, por que você está *me* perseguindo?” (At 9, 4)

Durante a vida de Jesus, já houve sinais claros de sua ponderada identificação com os mais necessitados. Ele estava preparado, por exemplo, para ultrapassar as proibições postas pela Lei de Moisés e, em uma ocasião, permitiu que o coxo e o cego viessem a ele, no Templo, onde os curou, uma coisa jamais ouvida. Ele também permitiu que a prostituta o tocasse e ele mesmo procurava tocar as pessoas com deficiências, os leprosos e mesmo os mortos. Estes eram todos sinais de sua esplêndida compaixão. Mas eles eram, também, o começo das indicações da revelação que viria mais tarde a respeito do que nós poderíamos chamar de dignidade escondida e o caráter sagrado da pessoa humana e do corpo humano. São Paulo expressou esta nova revelação na passagem já citada de I Coríntios: “Vocês não sabem que os corpos de vocês são os templos do Espírito Santo que habita em vocês? (ICor 6, 19).

2. O Corpo Humano como Sagrado

Até que ponto, ao longo dos séculos, precisamos nos perguntar, neste momento, temos sido capazes de viver de acordo com esta visão extraordinária comunicada por São Paulo? Será que não existe, na tradição, evidência abundante desta visão sendo vivida e compreendida pelos fieis leigos da Igreja, e por muitos religiosos e religiosas da Igreja do passado? É este novo sagrado, portanto, algo que imediatamente desperta a atenção, algo que se destaca na teologia vivida de nossos santos e poetas, nossos monges e místicos, nossos artesão, trabalhadores, pintores e teólogos? É claro que é impossível aqui, em uma única palestra, tentar dar uma resposta adequada a esta questão. Penso,

então, em referir-me ao assunto apresentando alguns textos sobre o tema, tanto do passado como do presente. E com a permissão de vocês, pelo menos inicialmente, usarei alguns textos dominicanos.

O próprio São Domingos, contado por uma das primeiras testemunhas, mantinha longas vigílias noturnas. De acordo com um dos contemporâneos do santo, São João de Bolonha, depois de longas orações, depois de prostração no pavimento da igreja, Domingos se levantava, e realizava dois atos simples de reverência. Primeiro, dentro da igreja, ele “*visitava* cada altar, um de cada vez... até a meia noite”. Então, “ele ia, bem silenciosamente, e *visitava* os irmãos que dormiam e, se necessário, os cobria”¹. Em Latim, o mesmo verbo “*visitare*” é usado com o sentido de visitar os altares sagrados e com o sentido de ter cuidado para com os irmãos que estavam dormindo. Tem-se a nítida impressão que a reverência de Domingo pelos altares na igreja está intimamente relacionada com a sua reverência e cuidado pelos irmãos que dormiam. É quase como se Domingo reconhecesse, primeiro, a presença do sagrado nos altares e então – com não menos reverência – reconhecesse esta mesma presença em seus próprios irmãos.²

Acho que podemos dizer que, para os autênticos discípulos de Jesus, a pessoa humana – o corpo humano – longe de ser visto como pertencente apenas ao domínio do secular, ou ao domínio do que é fora do sagrado, é visto como o verdadeiro templo do sagrado, o templo do Espírito de Deus. Não só, entretanto, o espírito humano adquiriu uma nova dignidade em Cristo, o corpo humano foi também santificado pelo evento da Encarnação.

Esta verdade sobre a santidade do corpo foi veemente negada por um poderoso grupo de heréticos no tempo de São Domingos. E Domingos, em consequência, passou grande parte de sua vida pregando apaixonadamente para defender os dois pilares que sustentam esta verdade, ou seja, o dogma da Criação e o dogma da Encarnação.

Um dos primeiros textos mais importantes sobre a vida de oração de Domingos, um texto intitulado *As Nove Maneiras de Rezar*, dá um lugar extraordinariamente importante para o corpo. Em se tratando de oração nunca foi suficiente, para Domingos, simplesmente focar a mente em meditação e ela ser, de algum modo, abstraída em estado de “oração mental”. Não, Domingos reza com tudo o que ele é, com o corpo e com a alma. Ele não reverencia Deus somente em espírito. Ele se inclina fisicamente diante da presença de Deus, deixando que os membros do seu corpo o conduzam, por assim dizer, à oração. Assim, num momento o vemos ajoelhado no chão ou sentado na cadeira totalmente envolto pela meditação; em outra ocasião (no que é chamado oração das mãos), nós o vemos elevando as mãos e os braços em súplica; em outro momento, ele está prostrado no chão em humilde adoração e, então, o vemos de pé, em momento de extrema necessidade, com os braços estendidos em forma

de cruz.

O corpo não é excluído, *não pode* ser excluído, da vida de oração. O mesmo vale para os sentidos e a imaginação. Margaret Ebner, uma mística Dominicana da Idade Média, ouve Deus dizendo a ela, numa ocasião: “Eu não sou o ladrão dos sentidos, sou o Iluminador dos sentidos”.³

Yves Congar, sobre o tema da dignidade da pessoa humana, cita uma frase impressionante de um Santo ortodoxo, Nicolas Cabasilas. Lê-se: “Entre todas as criaturas visíveis, só a natureza humana pode ser um altar”⁴. O próprio Congar, em seu livro “*O Mistério do Templo*”, tem a ousadia de dizer: “Todo cristão tem o direito ao nome ‘santo’ e ao título de ‘templo’⁵. Estas afirmações são extraordinárias. O que elas proclamam é que a vida humana simples – ordinária – é agora, de algum modo, sagrada e que os detalhes quotidianos desta vida são, por sua vez, sagrados. Mas é esta visão, esta extraordinária visão, a que ainda partilhamos hoje com as pessoas de fé? Com os cristãos? Quantos, por exemplo, ousariam fazer uma declaração como a que segue?

Quando você está no fogão da cozinha, isto é o centro, ele é o altar. Quando você está na sua cama, sua cama se torna o altar. Quando você lava o prato ou pega o lixo, você é o altar. Você está sempre em pé, no solo sagrado. Cada momento pode ser o momento. Qualquer lugar pode ser o lugar.⁶

Estas palavras extraordinárias foram tiradas de uma homilia de um pregador – um monge anônimo – da nossa geração. Mas os pregadores cristãos, durante os séculos, têm sido felizes em fazer pronunciamentos semelhantes. Aqui, por exemplo, é o Dominicano Beato Johannes Tauler, um pregador do século XIV. Ele diz: “Não há tarefa tão pequena, tão insignificante ou humilde que não seja uma prova da graça especial de Deus”⁷ E, de novo: “Uma pessoa sabe fiar, outra, fazer sapatos, algumas pessoas são boas em coisas práticas e fazem isto com grande habilidade; outras não conseguem fazê-las. Todas estas graças são dadas por Deus, são obra de seu Espírito”⁸. Na mesma direção, o grande poeta jesuíta, Gerard Manley Hopkins escreve: “Levantar as mãos em oração dá glória a Deus, mas um homem com uma pá de lixo na mão e uma mulher com um balde cheio e pesado também dão glória a Deus.”⁹

3. Uma Questão-Chave

Neste ponto da nossa reflexão precisamos parar e nos colocar uma questão de grande importância. Se for verdade, como todos os textos que eu citei até agora parecem sugerir, que a vida comum é realmente sagrada, e se as coisas básicas, cada detalhe do dia a dia de nossa existência humana devem agora ser vistos como sagrados, e se a noção herdada do que é sagrado foi deliberadamente virada de cabeça para baixo por Jesus, o que significa isto para a prática da religião?

Se acreditamos que toda a terra é sagrada, que as nossas vidas humanas são sagradas, que necessidade há para os ritos e as regras de uma religião separada? O único teólogo do nosso tempo que ousou colocar esta questão para si com grande franqueza e grande honestidade foi Joseph Ratzinger. No seu livro *O Espírito da Liturgia*, refletindo sobre o sentido do sagrado alcançado por Cristo, ele pergunta:

O mundo inteiro não é agora santuário de Deus? A santidade não é para ser vivida pelas pessoas na vida diária de um modo correto?

Em nossa divina adoração, não é o caso de sermos pessoas amáveis no quotidiano da vida? Pode o sagrado ser outra coisa a não ser a imitação de Cristo na simples paciência da vida do dia a dia? Pode haver outro tempo sagrado do que o tempo para a prática do amor ao próximo onde e em quaisquer que sejam as circunstâncias da nossa vida que exigirem isso?¹⁰

No cerne desta lista de questões há uma pergunta desafiadora: à luz do novo ensinamento de Jesus, há ainda um lugar para a prática da religião ou a religião tem sido alguma coisa suplantada de algum modo pelo que pode ser entendida como a nova tarefa sagrada – a nova tarefa exclusiva – de simplesmente amar um ao outro?

Joseph Ratzinger, com uma sabedoria astuta e impressionante, indica que a resposta que damos a esta questão pode ser equivocada se escolhermos ignorar o crucial “não ainda” da nossa existência cristã. ¹¹ É verdade: Cristo já, de muitos modos, derrubou os nossos modos conhecidos de pensar o sagrado. Mas a nova compreensão do sagrado não significa que de repente nós nos tornamos, como por mágica, tão santos como os anjos e que os Novos Céus e a Nova Terra já chegaram. Não, se somos honestos conosco, estaremos dispostos a conhecer o que Ratzinger chama de “limites permanentes da existência humana neste mundo”. ¹² Mas uma mudança radical tem acontecido assim mesmo. As coisas não são como eram antes. Sim, as condições empíricas da vida neste mundo ainda permanecem “em grande número”, mas estas condições, Ratzinger insiste, “têm explodido de repente e devem, mais e mais, se abrir”: ¹³

[Cristo] já fez o que temos que fazer... E agora, o desafio é permitir que sejamos conduzidos para o seu ser para o bem dos outros seres humanos, nos deixarmos abraçar pelos seus braços abertos, que nos atraem para si. Ele, o Santo, nos santifica com a santidade que nenhum de nós poderia dar a si mesmo. ¹⁴

Estamos agora vivendo no que Ratzinger chama de um tempo “entre duas realidades”, “uma mistura do já e do ainda não”¹⁵. E é a realidade do “ainda não” que ajuda explicar porque ainda continuamos a precisar da realidade visível e tangível dos sacramentos da presença de Cristo na Igreja e porque tantas das

presentes formas tradicionais do sagrado na religião têm sobrevivido.

Ratzinger escreve: “A cortina do Templo foi rasgada. Os céus se abriram pela união deste homem Jesus, e, portanto, de toda a existência humana, com o Deus vivo”¹⁶. Então ele pergunta, dado este extraordinário acontecimento: “nós ainda precisamos de espaço sagrado, dos símbolos de mediação? E ele responde: “Sim, precisamos deles... Precisamos deles para nos dar a capacidade de conhecer o mistério de Deus”¹⁷. É verdade, já podemos ousar dizer que que “participamos na liturgia celeste”, mas esta participação, Ratzinger nos lembra, é sempre mediada para nós “através dos sinais terrestres”.¹⁸

Neste ponto eu gostaria de fazer uma observação sobre o evento da Última Ceia que considero relevante aqui. Jesus não nos disse simplesmente e aos seus discípulos nesta ocasião: “Amem uns aos outros”. Ele disse, e *fez* algo mais também. “Ele se colocou” como De la Taille expressa de modo tão preciso, “na ordem dos sinais, na ordem dos símbolos”¹⁹. Tendo primeiro tomado o pão e o vinho em suas mãos, e tendo pronunciado sobre eles as palavras “Isto é meu corpo, isto é o meu sangue”, Jesus então disse: “Façam isto em memória de mim”. Em outras palavras, consciente da nossa necessidade humana do tangível e do visível, e sabendo como vivemos nossas vidas na esperança e na angústia de ‘ainda não’, Jesus nos pediu para realizar um simples rito, uma liturgia em sua memória. Preocupado que tivéssemos uma segurança palpável de seu amor, humildemente ele “se colocou na ordem dos sinais”.

Não há dúvida que estamos agora vivendo no tempo do novo sagrado. Mas ainda não estamos no céu – Deus bem sabe disto! No céu não haverá necessidade de nenhum santuário, ou altar, ou templo porque o próprio Cristo será o templo. Mas aqui na terra precisamos de templo, precisamos da Igreja visível precisamos dos sacramentos da presença de Cristo e precisamos do testemunho visível dos religiosos e das religiosas, sinais vivos para a nossa própria geração ansiosa e confusa - sinais de esperança transcendente.

E nós também - deixe-me dizer aqui e sem hesitação - nós também precisamos da liturgia. Mas a nossa liturgia deveria ser formada à luz do novo sagrado e isto significa uma liturgia ao mesmo tempo bonita e séria, exuberante e, ao mesmo tempo humilde, uma liturgia sempre contemplativa conservando no seu centro a presença do Cristo nosso Sumo Sacerdote, mas também do Cristo nosso humilde irmão e servo, do Cristo, o amigo do pobre e do faminto, do doente e do esquecido, do oprimido e do estrangeiro.

4. O Novo Sagrado e o Pobre

Sempre me marcou a passagem do diário pessoal do Beato João XXIII. Em algum tempo de março de 1925, sob o título de “Preparação para a minha Ordenação Episcopal”, ele escreveu: “As roupas do Bispo sempre me lembrarão

do “esplendor das almas”, o que elas significam, a real glória do Bispo. Deus não permita que elas possam ser motivo de vaidade”²⁰. Eu não sei se o Papa Francisco conhecia esta passagem, mas eu me lembrei disto logo que ouvi a sua homilia na Missa da Quinta-feira Santa. Eis uma parte do que Francisco disse:

*“As vestes sagradas do Sumo Sacerdote são ricas em simbolismo. Um destes símbolos é que os nomes dos filhos de Israel estavam gravados em pedras de ônix presas nos ombros das peças do efod, o antecessor da nossa atual casula... Isto quer dizer que o Padre celebra carregando em seus ombros o povo entregue aos seus cuidados e traz os seus nomes escritos no coração. Quando colocamos a nossa simples casula, ela nos deveria fazer sentir, nos nossos ombros e em nossos corações, os fardos e os rostos do nosso povo fiel.”*²¹

O Papa Francisco continua dizendo que “a beleza de todas estas coisas litúrgicas ... não são tanto sobre os ornamentos e os finos tecidos... mas, antes, sobre a glória do nosso Deus resplandecente em seu povo”. E ele continua:

*O óleo precioso que unge a cabeça de Aarão faz mais do que simplesmente perfumar a sua pessoa; ela escorre até “as bordas”. O Senhor dirá claramente: sua unção é para o pobre, o prisioneiro e o doente, para os que estão tristes e sozinhos... Temos que “sair” a fim de fazer a experiência de nossa própria unção, do seu poder e de sua eficácia redentora: ir para as “periferias” onde há sofrimento, derramamento de sangue, cegueira que anseia por ver e prisioneiros escravos de muitos mestres do mal ... dando do pouco óleo que temos àqueles que nada, absolutamente, nada têm.*²²

O Papa Francisco nos alerta, aqui mais particularmente, ao fato de que podemos, às vezes, nos tornar tão absorvidos pelos ornamentos externos e pelas rubricas da liturgia que podemos esquecer o que a liturgia representa. Podemos esquecer o humilde Senhor e podemos esquecer nosso próximo em necessidade. Um Dominicano, meu amigo, dando retiro num mosteiro contemplativo nos Estados Unidos, foi chamado, uma manhã, para levar a Eucaristia para uma Irmã que estava muito doente. A Irmã tinha grande dificuldade de respirar e, por causa disto, tinha lhe sido dado oxigênio. Duas Irmãs o acompanharam ao quarto, levando velas. Num determinado momento, as velas ficaram tão próximas da cama e, portanto, perto do balão de oxigênio que o padre falou baixinho que poderia ser perigoso, poderia haver um acidente; uma das Irmãs inclinou-se sobre a cama e, para seu espanto, fechou o oxigênio! Não, eu sugeriria um movimento mais sábio. Quando em dúvida, assopre as velas, não o último suspiro da Irmã que está morrendo!

Os Dominicanos, eu descobri, são tão propensos, como todo mundo, a cometer este tipo de engano, colocando ênfase exagerada em algumas práticas litúrgicas externas e também no que é externo na vida religiosa. Uma história

do século XV me vem à mente neste contexto e ela sempre me faz corar quando penso nela. Trata-se de um frade Dominicano que esteve ativamente engajado em conversa com a extraordinária santa leiga, Santa Catarina de Gênova.²³ O Dominicano foi tolo o suficiente para sugerir que, sendo ele um homem que tinha renunciado ao mundo em favor da religião, em contraste com Catarina, que estava vivendo no mundo – “dedicada ao mundo”, segundo ele, ele estaria mais bem preparado do que ela “para o divino amor”²⁴. Catarina, ainda que não fosse uma pessoa orgulhosa, ouvindo estas palavras, ficou tão chocada que colocou-se imediatamente em pé, com um pulo tal que o seu cabelo escapou da fita que o prendia e caiu despenteado sobre seus ombros²⁵. Então ela exclamou: “Padre, se eu acreditasse que o seu hábito acresceria uma fagulha ao meu amor por Deus, e eu não pudesse ter o amor divino de outra maneira, eu não hesitaria de roubá-lo de você!”²⁶

Houve, é claro, outra grande santa italiana que também tinha o nome de Catarina, uma Dominicana, Catarina de Sena, do século XIV. Catarina era uma leiga, mas ela sempre mostrou o mais profundo respeito para com as religiosas e os religiosos. Diz-se que, entretanto, muitas vezes Deus Pai ensinou a ela, no *O Diálogo* que as pessoas na vida religiosa podem, algumas vezes, usar a própria prática da religião para ajudá-los a ignorar as necessidades desesperadas das pessoas ao seu redor. Estes religiosos podem pensar que são tão perfeitos na observância de todas as regras e cerimônias que são inclinados a julgar aqueles outros, cuja preocupação com os necessitados faz com que eles sejam menos observantes das cerimônias. O Pai diz à Catarina:

*Estas pessoas encontram seu prazer em buscar sua própria consolação espiritual – tanto que às vezes eles vêm seu próximo em necessidade espiritual ou temporal e se recusam a ajudá-los. Com a pretensão de virtude eles dizem: “Isto me faria perder a minha paz espiritual e minha calma e eu não poderia dizer O Ofício das Horas no tempo adequado.” Então, se não encontram consolação, pensam que me ofenderam. Mas eles são enganados pelo seu próprio prazer espiritual e me ofendem mais por não irem ajudar o seu próximo do que se eles tivessem abandonado todas as suas consolações.*²⁷

No exterior, estas pessoas, continuou o Pai, ainda que aparentemente “coloridas pelas cores das suas Ordens particulares” às quais pertencem, estão de fato presas pelas cadeias dos “velhos costumes”. Elas vivem sempre de acordo com o que lhes agrada e são o que hoje se chamaria de gente de mentalidade legalista:

Mais preocupadas com as [observâncias das] cerimônias da regra do que com as próprias regras ... Com frequência, por falta de uma iluminação, elas são rápidas em cair em julgamento daqueles que observam a regra mais perfeitamente do que elas, embora possam ser

menos perfeitos em todas as cerimônias, do que os seus juízes são observantes.” ²⁸

Estas afirmações do *Diálogo* não querem, de jeito nenhum, minimizar a importância de todas as observâncias religiosas ordinárias da vida de comunidade como o estar em oração no coro, por exemplo. Mas o que estas afirmações fortes e vívidas querem tornar claro é que a nossa observância dos ritos e das regras da vida religiosa nunca deveria ser usada por nós como uma desculpa para evitar o atendimento às necessidades urgentes e importantes do nosso próximo. Uma observância autêntica do novo sagrado estabelecida pelo Cristo, antes de mais nada, significa a capacidade de reconhecer o Senhor no partir do pão, mas também significa a capacidade de reconhecê-lo em nosso irmão e irmã partidos/as, quebrados/as.

Um pregador na tradição da Igreja, um santo que me impressiona como tendo apreendido em grande profundidade o significado do novo sagrado é São João Crisóstomo. João era conhecido entre os seus contemporâneos como “língua de ouro” e por boas razões. Não há ninguém mais desafiador como pregador em sua geração. Deixe-me ler-lhes agora um breve resumo de um dos seus mais extraordinários sermões:

Você quer honrar o corpo de Cristo? Então não o despreze em sua nudez, nem o honre aqui na igreja com vestes de seda enquanto o negligencia onde ele está com frio e nu. Porque aquele que disse: Isto é o meu corpo, e fez isto acontecer por suas palavras, também disse: Você me viu com fome e não me alimentou e na medida em que você não o faz para o menor deles, o menor dos meus irmãos, você não o fez para mim. O que fazemos aqui na igreja requer um coração puro, não roupas especiais; o que fazemos fora requer grande dedicação... De que serve pôr peso na mesa de Cristo com copos de ouro, quando ele mesmo está morrendo de fome? Primeiro, alimente-o quando ele estiver com fome e, depois, use os meios que você trouxe para adornar a sua mesa. Será que você faz um copo de ouro, mas não dá um copo de água? Qual a utilidade de providenciar à mesa tecidos de fios de ouro e não providenciar ao próprio Cristo as roupas que ele necessita?... E se você o visse vestido com roupas rasgadas e sujas por causa do frio e se esquecesse de vesti-lo e, em vez disso, fosse criar colunas de ouro para ele, dizendo que você estava fazendo isto para honrá-lo?... Você providencia correntes de prata para as lâmpadas, mas você não consegue olhar para o Cristo quando ele está acorrentado na prisão... Portanto, não adorne a igreja e ignore seu irmão aflito porque ele é o templo mais precioso de todos. ²⁹

Para que não haja mal-entendido, deve ser dito de imediato que João Crisóstomo não está contra adornar a casa de Deus de modo que ela fique bonita

e agradável. Ele não está contra ter um cálice de ouro, por exemplo, no altar e ele torna isto claro nesta mesma homilia. Logo, não é questão de um /ou outro, mas de ambos/e.

Quando Malcolm Muggeridge visitou Calcutá pela primeira vez, ele ficou muito impressionado com o trabalho feito pelo pobre e, mais tarde, quando voltou para casa, enviou a Madre Teresa um presente generoso em dinheiro, presumindo que ele seria diretamente investido para o pobre. Madre Teresa escreveu-lhe, agradecendo-o e disse que com esse dinheiro as Irmãs puderam comprar um cálice de ouro para o altar. Muggeridge no começo ficou chocado, até mesmo escandalizado, mas então ele lembrou, no Evangelho, como Judas tinha se queixado sobre o óleo precioso gasto com Cristo, o dinheiro que poderia ter sido obtido com a venda do óleo e dado aos pobres. Na prática, portanto, para os santos, não é nunca uma questão de ou/ou, ou seja, servir os pobres ou adorar a Deus, mas de ambos/e – um catolicismo não abreviado.

5. O Novo Sagrado e o Sudário de Turim

Se há um novo Crisóstomo entre nós, eu creio que possa ser o Papa Francisco. Meu conhecimento de história é limitado, mas eu não conheço nenhum Bispo de Roma anterior a ele tão preocupado como Francisco para fazer a ligação entre a adoração a Deus na liturgia sagrada e o serviço de Deus ao pobre. Foi, eu penso, típico do Papa Francisco que, recentemente, quando da ocasião de falar sobre o Santo Sudário de Turim, comentou: “Este rosto desfigurado lembra todos aqueles rostos de homens e de mulheres marcados por uma vida que não respeita a dignidade deles/las, pela guerra e a violência que afligem o mais fraco.”³⁰

O Sudário está agora em Turim, mas como sabemos, ele não esteve sempre lá. No início do século XVI ele esteve na França, na Santa Capela, em Chambéry. Menciono este fato porque a mãe de São Francisco de Sales – outro Francisco – visitou esta capela quando estava grávida de Francisco e, na presença do Sudário, dedicou seu filho ainda não nascido a Deus ³¹.

Muitos anos depois, em 1613, quando o Sudário já tinha sido levado para Turim, Francisco teve ocasião de mostrar o Sudário para um grande grupo de pessoas na Catedral; entre elas estava um Príncipe Cardeal. Ele nos diz numa carta que o suor estava correndo em seu rosto. Devia ser um dia muito quente e ele, provavelmente, estava nervoso. Num dado momento o suor caiu sobre o Sudário, o que, vocês podem imaginar, não agradou o Cardeal. Francisco escreve: “O Príncipe Cardeal ficou chateado porque o meu suor caiu sobre o Sudário do meu Salvador, mas entrei em meu coração para dizer-lhe que Nosso Senhor não era tão particular e que ele tinha derramado seu suor e sangue, de modo a uni-los ao nosso”.³²

Francisco é um daqueles santos que compreenderam claramente as implicações do novo sagrado. Mas, atrás de Francisco houve outro santo, um santo escondido, e este foi sua Mãe. Foi ela que, parece, foi a primeira a iniciá-lo no conhecimento do novo sagrado, algo que ela conseguiu mais por ações do que por palavras. Francisco escreve na mesma carta: “Agora me vem outra memória. Quando meus irmãos ficavam doentes, quando crianças, eu via minha mãe enrolá-los na camisa do meu pai, dizendo que o suor de um pai poderia curar o filho.”³³

A afirmação é tão inesperada e surpreendente como é profunda. A mãe de Francisco de Sales estava claramente convencida que, na vida nova que agora partilhamos em Cristo, mesmo as tarefas mais humildes e braçais são, de algum modo, cheias de graças e santificantes. O que foi uma vez considerado mundo profano - o mundo das crianças doentes e de pais que trabalhavam arduamente - torna-se agora lugar de um novo sagrado. Todos nós, apesar das nossas limitações e falhas humanas, estamos agora em solo sagrado. Os nossos corações ansiosos, nossas vidas feridas foram redimidas pela graça. Como isto é surpreendente! Como somos abençoados! Cada momento pode ser o momento, cada lugar pode ser o lugar. O que antes era visto como irremediavelmente perdido e além dos limites, é agora o centro. O que era julgado profano agora é sagrado. Em Cristo somos um templo santo, sagrado.

1. “De Beato Dominico” XVII, in *Vitae Fratrum*, MOFPH, Vol I, ed., B. Reichert O.P. (Louvain 1846) p.79. Meus itálicos.
2. Durante uma das longas noites de vigília de Domingos, conta-se a história de que o demônio, disfarçado como um dos frades, com um truque conseguiu que o Santo quebrasse a solene regra do silêncio. Quando isto aconteceu, o demônio gritou com grande alegria: “Finalmente eu fiz você quebrar o silêncio!” Mas Domingos, inspirado pela liberdade e dignidade concedidas a ele pelo Evangelho cristão, disse: “Ego super silencium sum: Estou acima do silêncio!” “De Beato Dominico” XV, in *Vitae Fratrum*, MOFPH, Vol I, p.78.
3. “*The Revelations of Margaret Ebner*,” in *Margaret Ebner: Major Works*, ed., L.P. Hindsley (Mahwah 1993) p.100.
4. Citado em Congar, *The Mystery of the Temple*, trans., R.F. Trevett (Westminster, Maryland 1962) p.203.
5. *The Mystery of the Temple*, p.203
6. De uma homilia pregada por um monge Beneditino no Domingo da Paixão, citado em Esther de Waal em “The Benedictine Charism Today”, Palestra em Illinois Benedictine College Community, 26 de Abril de 1995.
7. Sermão 47, *Johannes Tauler: Sermons*, trans., M. Shradly (Mahwah, New Jersey 1985) p.154.
8. Ibid.
9. Gerard Manley Hopkins, “On St Ignatius’s

- Spiritual Exercises,” em *A Hopkins Reader*, ed., J. Pick (New York 1966) p.396.
10. Joseph Ratzinger, *The Spirit of the Liturgy*, trans., J. Saward (San Francisco 2000) p.53.
 11. Ibid.
 12. Ibid.
 13. Ibid., p.54.
 14. Ibid., p.59.
 15. Ibid., p.54.
 16. Ibid., p.60.
 17. Ibid., p.61.
 18. Ibid., p.61.
 19. Maurice de la Taille, *The Mystery of Faith and Human Opinion, Contrasted and Defined* (London 1930) p.212.
 20. Pope John XXIII, *Journal of a Soul*, trans., D. White (New York 2000) p.205.
 21. Pope Francis, *Homily for Chrism Mass*, Holy Thursday 2013.
 22. Ibid
 23. Ver *The Life and Doctrine of Saint Catherine of Genoa*, (London 1997) p.23.
 24. Ibid.
 25. Ibid.
 26. Ibid.
 27. St Catherine of Siena, *The Dialogue*, 69, trans., S. Noffke, (New York 1980)
 28. Ibid., 162, p. 351.
 29. San Juan Crisóstomo, Homilía sobre el Evangelio de Mateo (Segunda lectura del Oficio de las Horas, Sábado, Semana XXI del Tiempo Ordinario), Homilía 50, 3-4.
 30. Papa Francisco, Uma sentença de uma vídeo mensagem feita pelo Papa para marcar uma extraordinária exposição do Santo Sudário em Turim. (“Eu me uno a todos vocês reunidos diante do Santo Sudário”). Ver Serviço de Informação do Vaticano, 30 de março de 2013.
 31. Ver Jean-Pierre Camus, *The Spirit of St Francis de Sales*, trans., J.S. (London 1910) p.306.
 32. St Francis de Sales, Letter to Mère de Chantal, 4 de maio de 1614. Ver *Oeuvres completes*, vol 16, édition d'Annecy (Paris 1910) pp.177-78.
 33. Ibid., p.178.

RENOVANDO O TESTEMUNHO PROFÉTICO E A OPÇÃO PELOS POBRES: UM CONVITE ÀS MULHERES RELIGIOSAS AFRICANAS A ESTENDER-SE PARA AS PERIFERIAS DA VIDA

Ir Kenyuyfoon Gloria Wirba, OTSF

Ir Gloria Wirba pertence à Congregação das Irmãs da Ordem Terceira de São Francisco de Assis, Província de Camarões. Titular de um mestrado em Ciências Religiosas, licenciatura e doutorado em Missiologia pela Pontifícia Universidade Urbana de Roma e licenciatura em Teologia da Vida Consagrada, pela Universidade Lateranense de Roma.

Original em Inglês

1.0 Introdução

A palavra do profeta é o anúncio da presença de Deus entre Seu povo aqui e agora, e tem a finalidade de provocar a mudança de mentalidade e chamá-lo à conversão. No Antigo Testamento, o testemunho profético surgiu como uma crítica carismática das instituições corruptas e da obstinação do povo. Sempre que os israelitas se desviavam ou se esqueciam da Aliança, Deus enviava profetas para protestar e para convidá-los a voltar à Aliança. Desta forma, a função específica dos profetas é o envolvimento apaixonado e determinante na vida das pessoas. Eles criticam, radicalmente, a sociedade atual e apelam para uma consciência alternativa contrária daquela do povo e da cultura.¹

Como os israelitas, os africanos hoje precisam de profetas para protestar contra a sociedade injusta, as instituições econômicas e políticas, para estimular a consciência dos ricos que oprimem os pobres, para gritar contra o amor exagerado pelo dinheiro e pelo poder e convidar as pessoas para voltar para o Senhor com todo o seu coração. Isso desafia as mulheres religiosas neste continente a assumirem o seu papel de “mães” consagradas para colocarem-se à frente desta missão. Elas são chamadas a dizer aos oprimidos que se levantem

e andem, para ser a voz dos sem voz, para ser sinal de esperança aos desanimados e a abrir os olhos daqueles que estão cegos pelo amor ao dinheiro e ao poder.

O testemunho de vida que mais atrai e é convincente para os africanos, hoje, é a caridade aos pobres, aos oprimidos, aos excluídos, aos doentes, aos órfãos e viúvas vítimas das guerras atroz, que aumentam em número significativamente, à epidemia da AIDS, às catástrofes naturais etc. Na cultura africana, a mulher é apresentada como a mãe da humanidade, a distribuidora e a sustentadora da vida. Ela traz vida, protege, defende e a promove, às vezes, em detrimento à sua própria vida². Da mesma forma, somos chamadas através da nossa consagração religiosa e “Feminilidade africana” a sermos “doadoras”, protetoras e promotoras da vida.

1.1 Mulher como doadora, protetora e promotora da vida na cultura africana.

O papel da mulher africana, enquanto mãe, centra-se na responsabilidade de ser doadora e protetora da vida, na tarefa de garantir a continuidade da cultura e da espiritualidade e na função de ser um elo entre Deus e a humanidade. A maternidade na sociedade da cultura africana é altamente valorizada. Qualifica a mulher como a que sustenta os princípios fundamentais filosóficos, biológicos, éticos e religiosos do povo, bem como das relações harmoniosas de gênero e de poder. Na verdade, a mulher é conhecida como a “tutora do evento maravilhoso” e a “protetora do evento milagroso”.³ O evento maravilhoso que ela traz é a vida; um evento grandioso e surpreendente. Ela é a “mestra”, a quem a vida tem sido confinada para ser cuidada, nutrida e acarinhada. Vida que deve passar de geração em geração.

Na cultura africana, os mitos sobre a origem da humanidade, frequentemente, tem colocado a mulher no centro. Ela é apresentada como alguém colocado por Deus, o Criador, numa posição estratégica, com a função específica de compartilhar seu processo criativo de dar vida. Ela traz a vida, protege, defende e a promove, mesmo que custe a sua própria vida; assim, o provérbio africano diz que a mulher, mãe da vida, não deve ser morta, porque isso significa matar as crianças e a humanidade em si mesma.⁴ Alguns mitos africanos falam de uma “mãe” primordial de quem a humanidade se originou. Por exemplo, a Akposso de Togo sustenta que, na fase inicial da criação, Owolowu (Deus) fez a mulher e com ela deu à luz ao primeiro filho, o primeiro ser humano⁵. A partir disso surge toda a raça humana. De acordo com os Igbos da Nigéria, as histórias da criação giram em torno da terra, que é considerada a grande “Deusa-Mãe”. Acredita-se que ela é a mais querida e mais próxima da divindade, cuja função principal está centrada na fertilidade. De acordo com este povo, a vida não só emerge da terra, mas é também sustentada e protegida pela terra. Da Terra vem a comida e a água, que são os elementos vitais para a sobrevivência humana. Esta terra é

personificada como uma mulher⁶. De sua natureza humana, acredita-se que tenha surgido a humanidade e por ela é protegida, acarinhada e sustentada. Além disso, a mulher é a principal manipuladora da terra e na maioria dos casos a única recicladora de seus próprios recursos⁷. Portanto, onde as pessoas sofrem de doença, injustiça, opressão, pobreza, etc., a mulher tem um papel decisivo a desempenhar.

1.2 Opção preferencial pelos pobres

Muitas congregações femininas, na África, têm sido fundadas com o objetivo principal de abordar uma ou outra das necessidades dos pobres dessa sociedade. Existem comunidades que vivem e trabalham entre os pobres, os marginalizados. Páginas de destaque na história da evangelização heroica, da dedicação e da solidariedade, estão sendo escritas por mulheres religiosas africanas neste campo. Apesar de tudo isso, nós ainda não compartilhamos, de uma forma concreta e profunda, a pobreza do nosso povo. Nós não somos vistos como pobres à maneira dos pobres de nossa sociedade. Logo, a opção preferencial pelos pobres, como um aspecto fundamental da consagração religiosa, que é a mensagem central do pontificado do Papa Francisco, nos desafia a adotar um estilo de vida simples e austero como indivíduos e como comunidades e ajudar o nosso povo na luta contra a pobreza.

A opção pelos pobres é inerente à própria estrutura da consagração religiosa. Aqueles/as consagrados/as por Deus partilham da mesma missão de Cristo, que, no início de seu ministério, declarou que Ele foi consagrado pelo Espírito para pregar a Boa Nova para os pobres, para proclamar a liberdade aos cativos, para dar vista aos cegos, para libertar os oprimidos, para proclamar o ano de graça do Senhor (cf. Lc 4, 16-19). Servir aos pobres é um ato de evangelização e, ao mesmo tempo, um selo de autenticidade do Evangelho e um catalisador para a conversão permanente na vida consagrada⁸. Esta missão de Cristo encontra ressonância em nossa sociedade e desafia a mulher religiosa africana, hoje, mais do que nunca, à medida que vê seus filhos morrerem de fome, seus queridos jovens vagando pelas ruas, seus irmãos e pais partindo para as frentes de guerra, de onde raramente retornam e centenas de prisioneiros que choram atrás das barras das prisões, onde suas vozes não são ouvidas. Confrontada com esta realidade amarga, esta mulher sente a urgência de optar pelo pobre que espera que ela seja tudo para todos, “*être tout pour tous*”⁹.

Estar ou partilhar com os pobres pode implicar em ajuda financeira, em provisão de serviços, em providenciar alojamento, em saúde, em talentos e habilidades profissionais, mas por outro lado, algumas formas de ajuda não são materiais ou financeiras. A atitude de simplesmente escutar e de estar com eles é, frequentemente, muito apreciada por nosso povo que acredita que a pior forma de pobreza é a solidão. Esta escuta, igualmente, se torna uma forma de

auto- evangelização. Em sua simplicidade e pobreza material, os pobres têm muito a nos ensinar sobre a vida religiosa. Assim, a opção pelos pobres não é só aquela atenção prioritária em relação a eles, mas também inclui a acolhida da mensagem que eles trazem. Pedagogicamente, eles nos ajudam a perceber o vazio de uma fé que não é uma força transformadora e construtiva de uma sociedade justa; questionam a autenticidade da nossa pobreza evangélica. Praticamente, as mulheres religiosas africanas são desafiadas, hoje, pelos pobres que servem, a dar um testemunho evangélico renovado e vigoroso de abnegação e contenção, num estilo de vida fraterna inspirado pela simplicidade, solidariedade e hospitalidade.

1.3 Testemunho profético

O testemunho profético resulta da natureza do seguimento de Cristo e da dedicação à missão. Isto requer uma busca constante e apaixonada pela vontade de Deus, doação de si, inabalável comunhão com a Igreja, discernimento espiritual e amor à verdade. Ele também apela para a busca de novas formas de encarnar a mensagem do Evangelho em realidades e culturas humanas¹⁰. Em uma sociedade como a da África, onde a luta pela sobrevivência humana enfrenta um mar de problemas, crises e desafios, onde os sinais da presença de Deus e o amor parecem constantemente obscurecidos pelo desejo por bens materiais, o convincente e autêntico testemunho profético se torna uma necessidade eminente. Como mulheres consagradas, somos chamadas com urgência para dar testemunho com a ousadia de uma profetiza, que não tem medo de arriscar sua vida pela vida do seu povo¹¹.

Com efeito, a África hoje precisa de profetas que não só renunciam e denunciam os males sociais, econômicos, culturais e políticos da sociedade, mas que, igualmente, demonstrem com suas vidas outra maneira de viver enraizada nos valores do Evangelho e que estão prontos a dar a vida pela Verdade. O testemunho profético não consiste fundamentalmente no anúncio da Boa Nova, mas deriva de um “poder persuasivo, de consistência entre proclamação e vida”¹². Assim, ele não é baseado fundamentalmente em fazer alguma coisa, mas sim em ser para Alguém e a prontidão para revelar esse Alguém à sociedade que está, constantemente, cega ou alienada Dele. De fato, muitas pessoas viram em Jesus Alguém que tinha determinantemente recuperado a dimensão profética, que sabia ver e decidir com clareza. Ele apontou os erros da sociedade e denunciou as contradições do ritualismo e do farisaísmo que tinham invadido a religião do Seu tempo (cf. Mt 32, 1-39). Jesus tornou visível a falta de coerência entre o discurso e a vida. Na verdade, sua mensagem era uma fonte de libertação e consistência interna. Ele era acima de tudo, O verdadeiro, Aquele que restabeleceu a primazia de Deus (cf. Mt 5-7).

Seguindo o exemplo de Jesus, as mulheres religiosas africanas são chamadas

a dar testemunho com sua própria vida e maneira de olhar a sociedade e de avaliar a realidade. Num continente caracterizado pela injustiça institucionalizada, instabilidade política, violência, restrições econômicas e todas as formas de males sociais, nossa missão de testemunhas pede fiel compromisso com a construção da paz, da justiça, dos direitos humanos e da promoção humana. Somos convidadas a tomar uma atitude corajosa e profética em face da corrupção atroz, do desvio de fundos públicos, do tráfico de armas, da lavagem de dinheiro, da exploração imensurável pelo mundo ocidental e a rápida proximidade do secularismo que ameaça este continente. Como testemunhas proféticas, devemos denunciar e renunciar não só aos autores dos males sociais, políticos e econômicos, mas também às estruturas culturais cínicas, que promovem injustiças e nos comprometer com a justiça e com a paz. Não basta denunciar as estruturas que geram a injustiça, é preciso que nos dediquemos, com igual importância, na construção da paz através de vários projetos, grupos e iniciativas.

O papel da mulher africana torna-se mais proeminente quando a vida está em causa; onde quer que a vida seja ameaçada, ela sente-se profundamente inquieta e fica na vanguarda para defendê-la. As mulheres religiosas africanas, portanto, são chamadas a estar na vanguarda para testemunhar o Evangelho como a mensagem de vida e amor. É preciso demonstrar, com nossa vida, outra forma de vida enraizada nos valores do Evangelho. Isto às vezes pode exigir que tenhamos que dar a vida pela Verdade. Sem autenticidade de vida, perde-se a identidade religiosa e a missão se transforma em contratestemunho. Na verdade, “a primeira forma de evangelização, hoje, é o testemunho. As pessoas, hoje, colocam mais confiança no testemunho do que nos professores, na experiência que no ensino e na vida e ação que nas teorias.”¹³ Com nossa paciência e sensibilidade feminina, somos convidadas a ajudar o povo a tomar consciência da necessidade de Deus e a abrir os olhos para ver os sinais do pecado e da morte, presentes em nossa sociedade. Para isso temos de nos tornar testemunhas confiáveis, através de uma fé existencial profunda, do contato pessoal com Cristo, da experiência de Deus em virtude do qual nós vivemos, e pessoas que estão constantemente em busca de amor, de verdade e de justiça.

Muitos religiosos na África ambos missionários e indígenas, nos últimos anos, morreram como mártires. Enquanto rezava pelos missionários, durante a mensagem do Angelus no domingo, dia 20 de outubro, o Papa Francisco disse: “Estamos especialmente em comunhão com todos os missionários que, silenciosamente, dão suas vidas para proclamar a mensagem do Evangelho.” De modo especial, lembrou uma missionária italiana assassinada na Nigéria, depois de mais de 50 anos de serviço: “Afra Martinelli, que trabalhou por muitos anos na Nigéria, um dia foi morta em um assalto, todo mundo chorou, cristãos e muçulmanos. Eles realmente gostavam dela! Ela anunciou o Evangelho com a vida, com as obras, ela criou um centro de educação. Desta forma, ela propagou

a chama da fé, combateu o bom combate”. Enquanto alguns foram mortos, torturados e presos outros foram raptados; tudo por causa do Evangelho. Foi para homens e mulheres destemidos que os Bispos africanos prestaram homenagem especial durante o Sínodo, com as seguintes palavras: “Como não mencionar todas as vítimas da recente história dos nossos países, homens e mulheres brutalmente destroçadas por balas dos ditadores africanos e estrangeiros, cujo único crime foi gritar pela paz, por mais justiça e dignidade humana em nome dos cidadãos, seus companheiros oprimidos?”¹⁴

1.4 Conclusão

Para encarnar a mensagem do Evangelho na realidade sociocultural, as mulheres religiosas africanas devem redescobrir sua missão profética na Igreja africana e na realidade da sociedade atual. Este é um desafio para redescobrir o papel profético de nossos/as fundadores/fundadoras, i.e., redescobrir a atividade do Espírito Santo que os animou e que continua animando hoje. Isso implica voltar às raízes; à vocação evangélica da Igreja. Significa igualmente relacionar as condições socioculturais da nossa sociedade contemporânea com o nosso carisma¹⁵, o qual é uma força dinâmica a ser interpretada de acordo com as várias situações, tempos e espaços. Os sinais dos tempos devem ser lidos à luz do Evangelho.

As mulheres religiosas africanas são desafiadas a responder às questões perenes que seu povo faz sobre a vida presente e a vida que a de vir, sobre o mistério da dor e do sofrimento, sobre os relacionamentos, etc.. Como pessoas consagradas, são chamadas a ser luz numa sociedade caracterizada pela instabilidade política, pelas guerras e conflitos desenfreados, pela doença, pela morte etc. Estas são as exigências divinas que só as almas acostumadas a seguir a vontade de Deus, em tudo, podem assimilar fielmente e traduzi-las, corajosamente, em escolhas que são consistentes com o carisma fundacional e que correspondem às demandas da situação concreta da vida. Confrontadas com muitos e urgentes problemas os quais, às vezes, parecem comprometer ou mesmo sobrecarrega-las, as mulheres consagradas na África, hoje, não podem deixar de sentir o compromisso de levar nos seus corações e em sua oração as inúmeras necessidades do seu povo.¹⁶

- ¹ Cfr. J. FUELLENBACH, *Church: Community for the Kingdom*, Logos Publication, Manilla 2001, p. 183.
- ² Cfr. J. S. MBITI, «The Role of Women in African Traditional Religion», in *Cahiers des Religions Africaines* 22 (1988), pp. 69-82.
- ³ Para los africanos la vida es el valor máspreciado y la mayor riqueza que una persona puede conseguir. Es el eje alrededor del cual giran todas las otras actividades. Cualquier cosa que ponga la vida en peligro es considerada el peor de los males. Cualquier acción moral, religiosa o ética es evaluada según su capacidad de promover o degradar la vida.
- ⁴ Cfr. J. S. Mbiti, «The Role of Women in African Traditional Religion», en *Cahiers des Religions Africaines* 22 (1988), pp. 69-82.
- ⁵ Cfr. *Ibidem*, p. 2.
- ⁶ Cfr. G. PARRINDER, *West African religion: A study of the beliefs and practices of the Akan, Ewe, Yoruba, Igbo and Kindred Peoples*, Epworth Press, London 1961, p. 49.
- ⁷ Cfr. P. DENISE – C. SAPPPIA, *Femmes d'Afrique dans une société en mutation*, Academia Press, Bruylant 2004, p. 65.
- ⁸ Cfr. JOHN PAUL II, *Vita Consecrata*, no. 82.
- ⁹ Cfr. S. SEMPORÉ, «Les Défis de la Vie Religieuse en Afrique: Eclairage Historique», in *Annales de l'Ecole Théologique Saint Cyprien*, Yaounde (Cameroon), 10 (2005), p. 249.
- ¹⁰ Cfr. JOHN PAUL II, *Vita Consecrata*, no. 84.
- ¹¹ Cfr. *Ibidem*, no. 85.
- ¹² *Ibidem*, no. 85.
- ¹³ JOHN PAUL II, *Redemptoris Missio*, no. 42; PAUL VI, *Evangelii Nuntiandi*, no. 41.
- ¹⁴ SYNOD OF BISHOPS, II SPECIAL ASSEMBLY FOR AFRICA, *Lineamenta*, no. 51.
- ¹⁵ Cfr. M. AZEVELLO, *Vocation for Mission: The challenge of religious life today*. Paulist Press, NewYork 1988, p. 142.
- ¹⁶ Cfr. *Vita Consecrata*, n. 73.

MÚSICA PARA OS OUVIDOS DO PAI

Frei David Glenday, MCCJ

Frei David Glenday, que é Missionário Comboniano, atualmente é o secretário-geral da União dos Superiores Gerais.

Esta reflexão foi escrita, originalmente, para a revista Worldmission, Manila. Foi também publicada na revista “Testimoni” N. 3, março de 2014.

Original em Inglês

“Seja misericordioso, assim como seu Pai é misericordioso”

(Lucas 6, 36)

No último trimestre do século passado, a Igreja no Reino Unido foi abençoada com um líder muito bom, na pessoa do Cardeal Basil Hume, um monge Beneditino que havia sido o Abade de sua comunidade, antes de ser nomeado arcebispo de Westminster, em 1976. Cardeal Hume faleceu em junho de 1999, após ter sido diagnosticado, apenas dois meses antes, com câncer abdominal. Ele usou bem esses dois meses, incluindo os arranjos para o seu funeral – as pessoas a serem, especialmente, convidadas, a música que ele queria, o lugar onde ele desejava ser enterrado na Catedral, as orações e as leituras para a Missa das Exéquias.

Ele também escolheu o pregador, seu grande amigo o Bispo John Crowley e pediu-lhe, particularmente, para explicar a escolha do Evangelho para a Missa, que poderia ser considerada não apropriada para um funeral – a parábola de Jesus do fariseu e do publicano, em Lucas 18, 9-14. “Quando me tornei um abade – o Cardeal disse a seu amigo – e ainda mais quando me tornei arcebispo e Cardeal, eu costumava pedir ao Senhor: faça-me um bom abade, deixe-me ser um bom bispo, permita-me tornar-me um bom Cardeal. Ainda, agora que eu sei que muito em breve vou encontrar o Pai face a face, percebi que essa oração, embora sincera e bonita, em sua forma, não é a

oração que ele anseia ouvir de mim. Não, a oração que é verdadeiramente a música para os ouvidos do Pai é outra; Esta é: Deus, tenha piedade de mim, sou um pecador. Estas, concluiu o Cardeal, são as palavras que eu quero em meus lábios enquanto eu vou para o Pai”.

Uma grande descoberta

O Cardeal Hume fez uma grande descoberta. Ao final de sua vida - uma vida boa e sagrada-, ele tinha visto, ele tinha experimentado, que, quando chegamos a conhecer de fato a misericórdia do Pai, estamos experienciando o auge, o centro, o coração, a obra-prima de seu amor. Ele chegou a reconhecer que o perdão de Deus para conosco não é meramente um “trabalho de reparação”, uma correção do que tinha sido errado, um retorno ao jeito como as coisas eram antes de termos pecado.

Não, quando o Pai nos perdoa, ele nos cria novamente e de maneira nova; Ele faz o deserto florescer; Ele nos conduz a uma nova e mais profunda experiência de como Ele nos ama, de quão infinitamente preciosos somos aos seus olhos. A experiência da misericórdia do Pai é sempre o lugar onde uma graça de crescimento e de transformação nos é oferecida; o lugar onde conhecemos, um pouco mais, a ternura criativa e a fidelidade paciente do Pai com cada um de nós.

Outra maneira de colocar isto seria: é em nossa experiência de compaixão e misericórdia do Pai que aqui e agora, conhecemos o poder da Ressurreição. Certamente não foi por acaso que o Exultet, o grande hino de alegria e louvor que a Igreja canta na noite da Páscoa, é uma poderosa exaltação da maravilhosa misericórdia de Deus:

*Nosso nascimento teria sido sem ganho,
se não tivéssemos sido redimidos.
Ó maravilha do seu humilde cuidado para nós!
Ó amor, Ó caridade além de todos dizendo,
para o resgate de um escravo você deu o seu filho!
Ó verdadeiramente necessário pecado de Adão,
completamente destruído pela morte de Cristo!
Ó feliz culpa
que ganhou para nós tão grande, tão gloriosa um Redentor!
Feito magnífico por misericórdia*

“Onde abundou o pecado, a graça superabundou” (Romanos 5, 20): A misericórdia de Deus é a misericórdia de Deus - e então é preenchida com um poder que não tem igual. É essa misericórdia que Paulo canta na famosa

passagem em 1 Coríntios 13: o amor “protege sempre, confia sempre, sempre espera, sempre persevera. O amor nunca falha”. O amor é eterno.

Há uma bela imagem que talvez possa nos ajudar aqui. Um oleiro americano chegou ao Japão para uma visita, mas quando ele abriu sua bagagem deu-se conta que os vasos de cerâmica que tinha trazido como presentes para seus amigos tinham quebrado durante a viagem. Ele jogou-os no cesto de lixo, pensando que este era o fim da história. Muito grande foi sua surpresa quando, ao final de sua viagem, seu anfitrião presenteou-o com os mesmos vasos— consertados com prata! Assim, ele descobriu a tradição japonesa de “kintsugi”. Ele relata: “Eu estava um pouco surpreso, pois pensei que tendo-os colocado no cesto de lixo não mais tornaria a vê-los. O sr Kanzaki riu, assim que percebeu minha incredulidade, e disse: ‘Agora, até mesmo melhor do que quando você os trouxe!’ Surpreendente: dando de volta para mim, os copos que eu tinha trazido como presente... só que agora mais valiosos do que eram originalmente”.

Na verdade, ao que parece, “kintsugi” na sua melhor forma é o concerto com ouro, para que o quebrado tornasse o vaso mais precioso do que quando era “perfeito”. Este é o milagre da misericórdia: o amor de Deus transforma a nossa experiência de pecado e de fragilidade num novo, mais profundo e mais verdadeiro encontro com Ele. Não há necessidade de esconder nossas “rachaduras”: agora, na verdade, elas são a coisa mais bela em nós!

Eu sou uma missão

Neste ponto, podemos dizer algo com grande clareza: apenas uma experiência profunda da misericórdia do Pai capacita uma pessoa a se engajar numa missão. A misericórdia é o forno onde o vaso da missão é cozido; é a sala de máquinas onde o poder da missão é gerado; é a nota musical da qual a canção da missão é cantada.

Pense, por exemplo, o chamado de Pedro em Lucas 5. Surpreso e impressionado pela milagrosa captura de peixes, pobre Pedro, leva um susto e ajoelha-se diante de Jesus, clamando: “Senhor, afasta-te de mim, pois sou um pecador”. Observe a resposta surpreendente de Jesus. Ele não respondeu: Sim, Pedro, sei que você é um pecador, mas eu perdoo você. Não, ele diz: não tenha medo. Não tema seus pecados (Jesus não nega que Pedro é de fato um pecador!), Não tema seus pecados, mas antes centre-se no potencial que meu Pai misericordioso vê em você, nos planos de compaixão que meu Pai tem para você, nas pessoas que sua experiência própria de misericórdia irá permitir que você toque, ajude, lidere e cure.

A experiência da misericórdia do Pai é sempre um chamado; é sempre

uma missão. Por causa da misericórdia, podemos de alguma forma compreender e viver as belas palavras do Papa Francisco em sua encíclica sobre a alegria do Evangelho: “Minha missão de estar no coração do povo não é apenas uma parte da minha vida ou um distintivo que posso tirar; Não é um “extra” ou apenas mais um momento na vida. Em vez disso, é algo que eu não posso arrancar do meu ser sem destruir meu próprio eu. Tenho uma missão nesta terra; essa é a razão por que estou aqui neste mundo. Temos que considerar a nós mesmos como selados, como marcados, por esta missão de trazer luz, bênção, animação, inspiração, cura e libertação” (273).

Missão de misericórdia

A missão começa na misericórdia; a missão proclama a misericórdia; e o método da missão é a misericórdia. Não tenho certeza se isso poderia ser melhor colocado que nestas palavras do segundo livro do Papa Bento XVI, sobre Jesus: “É parte do mistério de Deus que ele age tão *gentilmente*, que ele só *gradualmente* constrói a sua história dentro da grande história da humanidade; que ele se torna homem e assim pode ser inspecionado por seus contemporâneos e pelas forças decisivas dentro da história; que ele sofre e morre e que, tendo ressuscitado, escolhe vir para a humanidade apenas através da fé dos discípulos a quem ele revela a si mesmo; que ele continue a bater *suavemente* às portas de nossos corações e *lentamente* abre nossos olhos, se abrimos nossas portas para Ele”. “E ainda,” o Papa Bento XVI continua, “Não é este o caminho verdadeiramente divino? Para não sobrecarregar com poder externo, mas dar liberdade, para oferecer e provocar o amor”.

Os itálicos nesta citação são meus. Observe os advérbios: Deus age “*suavemente*”, “*gradualmente*”, “*lentamente*”. Estes são os advérbios de uma missão nascida da misericórdia. E esta é a missão a que somos chamados, pois a experiência de sermos perdoados, quando é autêntica, nos leva a sermos compreensivos, compassivos e pacientes. Em nossa própria maneira de ser, limitada e sempre imperfeita, começamos a refletir, para encarnar, a misericórdia do Pai em todo o seu poder suave, mas irresistível. E este é o único poder que, no final, renovará a face da terra.

PALAVRAS DO SANTO PADRE ÀS MONJAS DE CLAUSURA

*Capela do Coro da Basílica de Santa Clara, Assis Sexta-feira, 4 de
Outubro de 2013*

Original em Italiano

Eu pensava que este encontro fosse como aqueles que fizemos por duas vezes em Castel Gandolfo, na sala capitular, sozinho com as religiosas, mas — confesso — não tenho a coragem de mandar embora os Cardeais. Realizemo-lo assim.

Bem. Agradeço-vos profundamente o acolhimento e a oração pela Igreja. Quando uma religiosa de clausura consagra a sua vida ao Senhor, verifica-se uma transformação que nunca se entende totalmente. A normalidade do nosso pensamento diria que esta religiosa se torna isolada, vivendo a sós com o Absoluto, sozinha com Deus; trata-se de uma vida ascética, penitente. Mas este não é o caminho de uma religiosa de clausura católica, e nem sequer cristã. A vereda passa por Jesus Cristo, sempre! Jesus Cristo está no centro da vossa existência, da vossa penitência, da vossa vida comunitária, da vossa prece e também da universalidade da oração. E ao longo deste caminho acontece o contrário daquilo que se pensa, que esta será uma religiosa de clausura ascética. Quando ela caminha pela senda da contemplação de Jesus Cristo, da oração e da penitência com Jesus Cristo, torna-se profundamente humana. As religiosas de clausura são chamadas a ter uma grande humanidade, uma humanidade como aquela da Mãe-Igreja; humanas, para compreender todas as realidades da vida, para ser pessoas que sabem entender os problemas humanos, que sabem perdoar, que sabem rezar ao Senhor pelas pessoas. Eis a vossa humanidade! E a vossa humanidade percorre este caminho, a Encarnação do Verbo, a vereda de Jesus Cristo. E qual é o sinal de uma religiosa tão humana? A alegria, o júbilo, quando há alegria! Sinto-me triste quando encontro religiosas que não são alegres. Talvez sorrissem, mas com o sorriso de uma assistente de bordo, mas não com o sorriso da alegria, daquela que nasce de dentro. Sempre com Jesus Cristo! Hoje na Missa, falando do Crucifixo, eu dizia que Francisco o tinha contemplado com os olhos abertos, com as feridas

vivas, com o sangue que fluía. E esta é a vossa contemplação: a realidade. A realidade de Jesus Cristo. Não ideias abstractas, porque elas tornam a cabeça árida. A contemplação das chagas de Jesus Cristo! E levou-as para o Céu, sim, levou-as! Este é o caminho da humanidade de Jesus Cristo: sempre com Jesus, Deus-homem. E por isso é muito bonito quando as pessoas vão ao locutório dos mosteiros, pedem orações e falam dos seus problemas pessoais. Talvez a religiosa nada diga de extraordinário, mas uma palavra que lhe brota precisamente da contemplação de Jesus Cristo, porque a religiosa — como a Igreja — percorre o caminho que a leva a tornar-se perita em humanidade. E este é o vosso caminho: não demasiado espiritual! Quando as religiosas são demasiado espirituais... Penso na fundadora dos mosteiros da vossa concorrência, por exemplo Santa Teresa. Quando uma irmã ia ter com ela, oh, com coisas (demasiado espirituais), dizia à cozinheira: «Dá-lhe um bife!».

Sempre com Jesus Cristo, sempre. A humanidade de Jesus Cristo! Porque o Verbo veio na carne, Deus fez-se carne por nós, e isto dar-nos-á uma santidade humana, grandiosa, bonita e madura, uma santidade de mãe. E a Igreja quer que vós sejais assim: mães, mães, mães! Deveis dar vida. Quando vós orais, por exemplo, pelos sacerdotes, pelos seminaristas, mantendes com eles uma relação de maternidade; mediante a oração vós contribuís para fazer deles bons Pastores do Povo de Deus. Mas recordai-vos do bife de Santa Teresa! É importante. E este é o primeiro ponto: sempre com Jesus Cristo, com as chagas de Jesus Cristo, as chagas do Senhor, porque é uma realidade que Ele as tinha e as levou consigo depois da Ressurreição.

E o segundo ponto que eu vos queria dizer, brevemente, é a vida de comunidade. Perdoai, suportai-vos umas às outras, porque a vida de comunidade não é fácil. O diabo aproveita-se de tudo para dividir! E diz: «Eu não quero falar mal, mas...», e assim começa a divisão. Não, isto não é bom, porque não leva a nada: leva à divisão. Cuidai da amizade entre vós, da vida de família, do amor recíproco. E que o mosteiro não seja um Purgatório, mas uma família. Os problemas existem e existirão, mas como se faz numa família, com amor, procurai uma solução com caridade; não destruais esta para resolver aquela; que não haja competição. Cuidai da vida de comunidade, pois quando na vida de comunidade é assim, em família, é precisamente o Espírito Santo que se encontra no seio da comunidade. São estas duas coisas que eu vos queria dizer: sempre a contemplação, sempre com Jesus; Jesus: Deus e Homem. E a vida de comunidade, sempre com um coração grande. Deixai passar, não vos vanglorieis, suportai tudo e sorri com o coração. E o sinal disto é a alegria. E Peço para vós esta alegria que nasce precisamente da verdadeira contemplação e de uma bonita vida comunitária. Obrigado, obrigado pelo acolhimento! Peço-vos que rezeis por mim, por favor, não o esqueçais! Antes da Bênção, oremos a Nossa Senhora: Ave Maria...

Com **gradidão:** A UISG se despediu, no final de março, de Irmã Josune Arregui, CCV, que tem servido como secretária executiva desde 2010. Estamos profundamente gratas pela dedicação, entusiasmo e visão que trouxe para a função que desempenhou. Agradecemos a ela pelo seu serviço generoso e desejamos-lhe todo o bem ao iniciar o seu novo trabalho em Madrid.

Talitha Kum: Em 20 de maio de 2014 uma conferência muito bem sucedida foi realizada no Vaticano, anunciando a campanha de conscientização em todo o mundo “Jogando pela Vida, para denunciar o tráfico de seres humanos”, que acontecerá durante a Copa do Mundo no Brasil de 12 de junho a 13 de julho. Esta campanha está sendo promovida pelas redes Talitha Kum dos religiosos e das religiosas. O Papa Francisco tem falado fortemente contra esse fenômeno chamado tráfico humano, “uma ferida aberta no corpo da sociedade contemporânea, um flagelo sobre o corpo de Cristo... um crime contra a humanidade.” Padre Lombardi, SJ, apresentou os conferencistas: Cardeal João Braz de Aviz (Prefeito da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica); Ir. Carmen Sammut, MSOLA (Presidente da UISG); A senhora deputada Antoinette Hurtado, que falou em nome do Embaixador dos Estados Unidos para a Santa Sé, sua Excelência Sr. Kenneth Hackett; Ir. Estrella Castalone, FMA (Coordenadora de Talitha Kum) e Ir. Gabriella Bottani, SMC (coordenadora da “Um Grito Pela Vida” da rede do Brasil). Por favor, encoraje os membros de sua Congregação para juntar-se à rede Talitha Kum, a serem parceiros/as, fazendo a parte que lhe cabe no mundo e apoiar outras iniciativas anti tráfico. Acesse o site www.talithakum.info e apoie a campanha contra o tráfico humano na Copa do Mundo, organizada pelas Irmãs no Brasil – veja o blog delas no endereço <http://gritopelevida.blogspot.com.br/>

Violência Sexual Contra as Mulheres em Conflito (PSVI): esta área de preocupação importante tem sido destacada numa Conferência Global organizada pelo britânico William Hague, Ministro dos Negócios Estrangeiros e UNHCR Representante Especial Angelina Jolie. As estatísticas são chocantes: 30.000 mulheres foram estupradas durante a guerra na Bósnia, mas apenas 30 foram levados à justiça por parte delas, neste reinado de terror. Existem igualmente relatórios perturbadores do Congo, Sudão do Sul e quase todas as outras zonas de guerra. Em preparação para esta conferência a BBC, em colaboração com a Rádio Vaticana, organizou um programa especial sobre PSVI. Três Irmãs Ir. Elena Balati, CMS, Ir. Georgette Thales, FMM e Ir. Munyerenkana Chiharhula Victoria, MSOLA, foram convidadas a participar no programa. Elas representaram muitas Irmãs de todo o mundo que trabalham

com vítimas de violência sexual em tempos de conflito.

Conferência Nigeriana das Mulheres Religiosas (CNMR): celebrações maravilhosas ocorreram durante três dias (20 a 22 de fevereiro) para o 50º aniversário da Conferência. Milhares participaram da Missa no dia 22 de fevereiro, que foi celebrada na Basílica da Santíssima Trindade em Onitsha. Houve uma manifestação de gratidão para as Irmãs que no passado e no presente têm servido a Igreja na Nigéria com tanta coragem e fidelidade. O tema das celebrações - União pelo amor e serviço – é uma expressão do desejo dos membros da Conferência de continuar a colaborar para a maior eficácia na missão e serviço. Ir. Veronica Openibo, SHCJ – membro do Conselho Executivo – representou a UISG nas celebrações.

A Conferência das Religiosas no Canadá: Parabenizamos a CRC no seu 60º aniversário. Sua recente Assembleia Geral realizada em Montreal, de 29 de maio a 1 de junho, teve como tema: Além das Fronteiras, um Chamado para a Transformação. Com o Padre Anthony Gittins, CSpS como conferencista principal, as participantes exploraram o desafio da diversidade cultural nos contextos congregacional e de serviço. Ir. Patricia Murray (Secretária Executiva da UISG) representou as duas associações internacionais dos Superiores Gerais na conferência.

Regina Mundi em Diáspora: Quando o Instituto Pontifício Regina Mundi (Roma) foi fechado em 2006, a UISG procurou uma nova maneira de promover a educação teológica das Irmãs dos países em desenvolvimento. Em 2012, foi introduzido um programa de subvenção anual fornecendo ajuda para as despesas acadêmicas. Os formulários de solicitação são distribuídos com o boletim UISG, por volta de outubro às Congregações associadas. Recentemente a Comissão se encontrou e maravilhou-se em ter podido subsidiar estudos a 98 requerentes.

A Comissão Executiva. A reunião da Comissão Executiva que aconteceu nos dias 21 e 22 de maio, abordou vários tópicos, incluindo o planejamento em curso para do 50º aniversário da UISG e do encontro do Conselho de Delegadas, que acontecerá em Accra (Ghana), em novembro de 2014. A Comissão Executiva atualizou o Plano de Ação que emergiu na última Assembleia. Este foi colocado no site da UISG. Começou-se a um estudo sobre a melhor forma de fortalecer e melhorar as comunicações através da rede mundial de UISG. Este tópico será discutido na reunião em Gana.

Ano da Vida Consagrada:

As datas importantes para lembrar são:

- * Abertura em Roma: Vigília de Oração no dia 29 de novembro de 2014 – Primeiro Domingo de Advento, 30 de novembro de 2014.

- * Encerramento em Roma: Vigília de Oração no dia 1º de fevereiro de 2016 – Dia Mundial da Vida Consagrada - 2 de fevereiro de 2016.

Em todo o mundo – tempo de reflexão e partilha durante este período – Os religiosos e religiosas são incentivados/as a organizar eventos a nível local

Eventos em Roma:

- * Encontro Ecumênico de Homens e Mulheres consagrados/as: 22 a 24 de janeiro de 2015.
- * Encontro para formadores: 8 a 11 de abril de 2015
- * Encontro para jovens e jovens consagrados/as: Roma: setembro de: 2015
- * Semana Mundial de Unidade para as pessoas Consagradas como a da Igreja: 24 de janeiro a 2 de fevereiro de 2016
Tema: Seguir o Evangelho rumo ao futuro

Reuniões do Conselho dos 16 e do Conselho dos 18: As reuniões acontecem duas vezes por ano com a Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica e a Congregação para a Evangelização dos Povos. Nosso agradecimento àqueles que contribuíram com reflexões e sugestões sobre os temas em discussão para os encontros de maio: A revisão do documento Relações Mútuas (Conselho de 16) e os desafios e dificuldades que enfrentam as comunidades religiosas em territórios missionários na transição da missão “ad gentes” para uma de “ Igrejas jovens “ (Conselho de 18). A Formação (acadêmica e prática) foi vista com a chave na preparação de missionários especialmente para áreas remotas e difíceis. No encontro de Relações Mútuas, houve uma discussão muito proveitosa e as sugestões recebidas já foram passadas para a Congregação para os Institutos de Vida Consagrada.

Web Site: Apenas um lembrete que a Vidimus Dominum – uma iniciativa conjunta da UISG e USG - fornece informações atualizadas sobre muitos aspectos da vida religiosa em todo o mundo. Está disponível em quatro idiomas - italiano, francês, espanhol e inglês. Agradecemos à Irmã Nadia Bonaldo, FSP e à sua equipe de tradutores para manter-nos informados sobre muitos projetos, atividades e eventos interessantes.

Parabéns à Presidente UISG, Ir. Carmen Sammut, MSOLA, que recentemente foi nomeada como um membro do Conselho Pontifício para o Diálogo Inter-religioso. Ir. Carmen, de Malta, é Superiora Geral das Irmãs Missionárias de nossa Senhora da África. Ela obteve a graduação em estudos Árabes e Islâmicos no PISAI (Roma) e passou muitos anos como missionária na Mauritânia, Argélia e Tunísia, trabalhando em diferentes contextos muçulmanos. Ela falou recentemente na Assembleia anual organizada pelos Religiosos Católicos da Austrália.